

# FÉRIAS CONJUGAIS

Comédia de Marcílio Moraes

**Título:** “Férias Conjugais” ou “Relações Alternativas”

**Gênero:** Comédia (2 atos)

**Cenário:** Sala de Apartamento (Único)

**Personagens:** Ariovaldo, Marluce, Vera, Toninho, Constância.

**Sinopse:**

Ariovaldo e Marluce formam um jovem casal típico de classe-média, recém chegado à Zona Sul do Rio de Janeiro. Ela vem do interior do Estado, de Sapucaia, e é professora. Ele vem da Zona Norte, é médico de uma só cliente, e sobrevive de um terreno que explora como estacionamento. Após uma série de crises, motivadas principalmente pelos mútuos ciúmes, eles resolvem tirar férias conjugais. Mas devido a dificuldades financeiras têm de fazê-lo sem sair de casa. Resolvem então dividir o uso do apartamento. Três noites por semana é de um, três é de outro, ficando o domingo como dia neutro: quem chegar primeiro ocupa. Ariovaldo ainda faz uma exigência: que ela não transe com o ex-noivo, Toninho, de quem tem particular bronca. Termina a primeira cena.

Na seguinte, já vamos encontrar Marluce, num domingo, preparando-se para aplicar uma máscara de beleza e tomar banho. O telefone toca mas ela não consegue atendê-lo a tempo. Liga então para a amiga e relata o acontecido, esclarecendo que nada aconteceu até o momento com nenhum dos dois. Resolve então dar um pulo na casa da amiga, que é vizinha. Sai pelos fundos.

No que ela sai, chega Ariovaldo com Vera, moça que acabara de conhecer num almoço. Ariovaldo pensa que a casa está desimpedida e entra. Segue-se a cena clássica de sedução, durante a qual o público percebe que Marluce voltou. Quando Vera vai ao banheiro, dá de cara com Marluce deitada na banheira, com a máscara de beleza. Pensa que a outra está morta e volta aos berros. Passada a confusão inicial, Ariovaldo inventa que Marluce é sua prima e exige, por indiretas, que ela saia de casa. Marluce se recusa, mordida de ciúmes. Por fim, furioso, Ariovaldo resolve sair com Vera. Mas neste momento, o destino dá a Marluce a oportunidade da vingança. O telefone toca: é Toninho, e ela o convida para ir visitá-la, apesar dos protestos de Ariovaldo, que sai jurando vingança, enquanto Marluce se prepara para esperar o ex-noivo. Fim do primeiro ato.

O segundo se inicia com Ariovaldo e Vera voltando. Marluce saiu e deixou um bilhete para Toninho, explicando que foi comprar algo para eles comerem e beberem. Ariovaldo diz que está preocupado com a prima, “que sofre dos nervos”, e que precisa esperá-la. Vera não entende muito bem mas fica. Para azar de Ariovaldo, sua única cliente

passa mal e o chama pelo telefone. Ele tem que sair mas pede a Vera que o espere e não deixe a prima sair com o amigo.

Assim que Ariovaldo sai, batem na porta. É Toninho. Para surpresa e constrangimento dos dois, eles se conhecem. O marido de Vera também é de Sapucaia e é amigo de Toninho, cuja mulher é amiga de Vera.

Os dois então são obrigados a disfarçar o motivo pelo qual estão ali. Ela diz que é amiga de Marluce e ele que é amigo de Ariovaldo. Ambos tentam sair mas chega Marluce, e os dois têm de sustentar a farsa, o que funde a cuca de Marluce, que não entende mais nada e se sente ofendida e enganada.

Quando chega Ariovaldo, a farsa dos convidados é ainda mais grotesca. Mas para complicar tudo mesmo, quem chega? Dona Constância, mãe de Marluce, que retorna de uma viagem a Sapucaia. O quiproquó a essa altura é absoluto.

D. Constância, para quem Toninho seria o marido ideal da filha, pensa que Vera é mulher dele. Toninho e Vera tentam se esquivar das perguntas embaraçosas. Ariovaldo e Marluce não sabem como explicar a situação.

Mas a complicação de fato surge quando D. Constância, inocentemente, se refere ao marido de Vera, dizendo que o vira com a mulher, que pela descrição, Toninho reconhece ser a sua. Enfurecidos, Vera e Toninho ofendem a velha e toda a família, originando-se violento bafafá, com todo mundo na cadeia.

A última cena já é o dia seguinte. O acontecido foi noticiado em primeira página por um jornal popular, que a traduziu na sua linguagem irônica e debochada. Marluce e Ariovaldo ficam desesperados, julgando-se definitivamente perdidos. Mas para sua surpresa, a notícia torna-se o início do sucesso. O consultório de Ariovaldo se enche de clientes. O diretor da escola onde Marluce dá aulas convida o casal para jantar. E todos os amigos começam a procurá-los.

## PERSONAGENS

ARIOVALDO

MARLUCE

TONINHO

VERA

CONSTÂNCIA

## CENÁRIO

Sala do apartamento de ARIOVALDO e MARLUCE, com mobiliário e decoração característica da classe média moradora deste bairro. À esquerda, porta que dá para o exterior. Ao fundo, à direita, entrada de um corredor que leva à cozinha, para a esquerda, e aos quartos e banheiro, para a direita. À direita, na frente, a parede forma um L, de modo que esta parte não possa ser vista por quem estiver na entrada do corredor. Aí existe uma janela.

## PRIMEIRO ATO – CENA I

ARIOVALDO e MARLUCE.

*A cena está vazia. Ouvem-se, fora, à esquerda, as vozes de ARIovaldo e MARLUCE em violenta discussão.*

ARIOVALDO – *(Fora.)* Não é nada disso, Marluce. Pelo amor de Deus!

MARLUCE – *(Fora.)* Você pensa que eu sou cega, que eu nasci ontem?

ARIOVALDO – *(Abrindo a porta e entrando. Está de calções, camisa de meia e sandálias.)* Ah, meu saco!

MARLUCE – *(Entrando. Veste uma saída de praia florida, sandálias, óculos escuros e um chapéu de palha. Traz uma sacola de palha na mão.)* Ah, meu saco, digo eu. *(Parando no umbral, ameaçadora.)* Eu vou te avisar, hem, Ariovaldo. Já estou por aqui com essa história. Acho bom você parar, porque senão não sei não! *(Bate a porta com violência.)*

ARIOVALDO – Já te disse pra não bater essa porta! Será que tem que repetir todo dia?

MARLUCE – Eu bato. Bato quantas vezes quiser. A casa também é minha. Quer ver? *(Abre a porta e bate com mais violência.)*

ARIOVALDO – Não estou dizendo. Você não está boa da cuca não, Marluce. Você está cada dia mais pirada. *(Ouvem-se várias pancadas no teto.)* Aí, pronto! Já vou ter que agüentar reclamação de novo. Está vendo o que você fez, sua idiota!

MARLUCE – Estou vendo sim. Por quê? Acha que vou deixar de bater a porta quando eu quiser por causa desse velho cascorento aí de cima? Não tenho medo dele não. Bato de novo. Quer ver? *(Abre a porta para batê-la de novo.)*

ARIOVALDO – *(Salta sobre ela e a segura.)* Você quer parar? Perdeu o juízo, é?

MARLUCE – Ainda não. Mas um dia desse vou perder.

ARIOVALDO – *(Fechando a porta.)* Marluce, pelo amor de Deus. Vamos sentar e conversar como gente grande?

MARLUCE – Agora quer conversar como gente grande, não é? Depois que eu faço um escândalo, então você quer conversar como gente grande. Te conheço. *(Joga a sacola sobre uma poltrona e sai decidida pela entrada do corredor ao fundo.)*

ARIOVALDO – *(Parado no meio da sala, com as mãos na cintura.)* Essa mulher está ficando maluca mesmo. Não é mais piração não. É doideira mesmo. *(Gritando para dentro.)* Acho que foi a psicanálise que te botou assim. Quando casei com você, você não era assim não. É esse tal de Valério que tá te fundindo a cuca.

MARLUCE – *(Na porta do corredor, já apenas de maiô.)* Que que tem o dr. Valério a ver com isso, Ariovaldo?

ARIOVALDO – Que que tem não sei. Sei que quanto mais análise você faz mais cuca fundida fica, mais rabugenta fica.

MARLUCE – E que que você esperava que a análise me fizesse?

ARIOVALDO – Que te tornasse uma mulher mais compreensiva, mais aberta, mais avançada. Um pouquinho menos provinciana que fosse, já era o bastante.

MARLUCE – Você esperava que quando você paquerasse as mulheres na praia eu ia ficar só olhando, batendo palma, perguntando se você não queria que eu fosse embora pra não atrapalhar. Isso é que é ser avançada, aberta, não é?

ARIOVALDO – *(Voltando os olhos para o céu.)* Meu saco! Marluce, eu não estava paquerando ninguém. *(Batendo a ponta dos dedos na testa.)* Será que isso não entra na tua cabeça?

MARLUCE – Entra! Assim mesmo! *(Imita o gesto dele.)* Entra e fica, com a ponta pra fora. *(Põe os dois dedos na testa, ao modo de chifres.)*

ARIOVALDO – Marluce, aquela menina foi minha colega na faculdade. Há mais de três anos que eu não via ela. Então é natural que a gente ficasse emocionado com o reencontro, se excedesse um pouco. Não tem nada demais.

MARLUCE – *(Irônica.)* Nada! Você passar a mão no umbiguinho dela não tem nada demais. Claro! Foi apenas um excesso de emoção. Você dizer coisinhas no ouvido dela também é muito natural. Foi o calor do reencontro! Que que você podia estar dizendo a ela? Só uma mente suja como a minha é que não via que você estava convidando ela pra pagar uma promessa na escadaria da Penha.

ARIOVALDO – Assim não dá!

MARLUCE – Você é um santo, Ariovaldo. Não sei como tua família não descobriu que tua vocação não era de médico não – aliás de médico não é mesmo.

ARIOVALDO – Não começa!

MARLUCE – Não descobriu que tua vocação era ser monge. Frei Ariovaldo, o casto.

ARIOVALDO – Assim não dá pra discutir. *(Indo em direção ao corredor.)* Acho melhor eu tomar meu banho duma vez, sabe.

MARLUCE – Não senhor! Hoje você vai ouvir até o fim. Hoje a gente vai tomar uma decisão, nem que fique aqui três dias discutindo.

ARIOVALDO – *(Voltando.)* Mas quem é que consegue discutir com você, Marluce? Você só quer me xingar.

MARLUCE – E não é pra xingar? Queria o quê? Que eu ainda te elogiasse?

ARIOVALDO – Aí, ta vendo. Não dá. Olha aqui, Marluce, se você está a fim de xingar alguém, por que não procura o teu analista e xinga ele. Afinal ele está sendo pago é pra isso mesmo, não é?

MARLUCE – Você não mete meu analista no meio da nossa briga que ele não tem nada com isso.

ARIOVALDO – Como não tem nada com isso? A gente não paga uma fortuna pra você ir pra lá discutir os nossos problemas com ele? Se alguém no mundo tem alguma coisa a ver com a nossa vida é ele. E pra mim é ele que anda enchendo tua cabeça contra mim.

MARLUCE – Você não se enxerga não, é? Você acha que eu vou lá pra falar de você?

ARIOVALDO – Não é de mim não? Então de quem é? Agora eu quero saber.

MARLUCE – Pra falar de mim, dos meus problemas.

ARIOVALDO – E você não vive dizendo que sou eu que te causei problemas?

MARLUCE – Lá isso é verdade. Se não fosse você minha vida seria bem melhor. Aliás, mamãe não cansa de me dizer isso.

ARIOVALDO – Aquela velha rabugenta! Deixa ela entrar aqui de novo que eu ponho ela pela porta fora.

MARLUCE – *(Fazendo um gesto negativo com o dedo junto ao rosto dele.)* Isso você não faz não. Porque se você fizer quando aquele bolha d'água do teu pai telefonar praqui eu mando ele praquele lugar. *(Toca a campainha.)*

ARIOVALDO – Você tenha respeito pelo meu pai.

MARLUCE – *(Indo atender.)* Deixa que eu atendo. *(Abre a porta.)*

VOZ – *(Fora.)* Minha senhora, eu tenho aqui uma coleção de livros que não pode faltar na casa de nenhum intelectual.

MARLUCE – Aqui não tem nenhum intelectual.

VOZ – *(Fora.)* De pessoas modernas.

MARLUCE – Só tem gente atrasada aqui.

VOZ – *(Fora.)* De pessoas de bem.

MARLUCE – Só tem uma. *(ARIOVALDO olha enfezado pra ela.)*

VOZ – *(Fora. Animada.)* Já é o suficiente. Trata-se da enciclopédia da vida sexual dos casados.

MARLUCE – Nesse assunto já tem dois especialistas! *(Bate a porta.)*

ARIOVALDO – *(Desesperado.)* Não bate a porta, pô! *(Ouvem-se as pancadas no andar de cima, mais violentas e continuadas.)* Pronto! Começou tudo de novo. *(Senta-se e esconde a cabeça entre as mãos.)*

MARLUCE – *(Olhando enfezada para cima.)* Um dia eu ainda quebro a bengala desse velho.

ARIOVALDO – Marluce, eu não agüento mais. Eu juro. *(Pausado.)* Não a-guen-to ma-is. Está entendendo? *(Berrando.)* Não agüento mais!

MARLUCE – Então empatou, meu filho. Porque eu também não a-guen-to ma-is!

ARIOVALDO – A gente tem que tomar uma decisão hoje. Porque se deixar pra amanhã eu vou acabar internado em camisa de força.

MARLUCE – Não ia te fazer mal. Pelo contrário. Um mês num sanatório pra doentes mentais ia te fazer muito bem. Garanto.

ARIOVALDO – *(Contendo-se.)* Marluce, eu não vou mais aceitar tuas provocações. Acabei de tomar uma decisão definitiva. Hoje a gente vai resolver a nossa vida. Vai se separar, vai desquitar, vai divorciar, vai se matar, só não vai ficar é como está. Isso não.

MARLUCE – Você acha que eu tenho medo? Quer separar, vamos separar. Pra mim tudo bem.

ARIOVALDO – Pra mim também.

MARLUCE – Então tá. Vamos separar. Pronto. Pode arrumar tuas tralhas e sair.

ARIOVALDO – Ah, eu que vou sair, né?

MARLUCE – Claro. Você que quer separar.

ARIOVALDO – Eu não disse que queria separar. Eu disse que a gente tem que tomar uma decisão.

MARLUCE – Não senhor. Você disse que queria separar, desquitar, divorciar, senão ia me matar. Isso eu ouvi muito bem. E esse velho aí de cima é testemunha.

ARIOVALDO – Ah, meu paizinho do Céu. Eu não mereço isso.

MARLUCE – Aliás eu sempre desconfiei disso, hem. Desde que você me contou aquela história de que tua mãe tinha abandonado teu pai.

ARIOVALDO – Que que tem a vida dos meus pais a ver com isso, Marluce?

MARLUCE – Tem muito a ver, meu filho. Muito. Quando tua mãe saiu de casa – Aliás fez muito bem, porque agüentar teu pai não é pra qualquer um não.

ARIOVALDO – Eu posso com uma coisa dessas?

MARLUCE – Quando ela saiu de casa você ficou com ódio mortal dela. E agora, inconscientemente, você está transferindo esse ódio pra mim. Por isso que quer me matar.

ARIOVALDO – A psicanálise volta a atacar.

MARLUCE – Depois ainda diz que não precisa fazer análise. Pra você, meu filho, tinha que ser cinco vezes por semana durante cinco anos. Pra ver se dava jeito.

ARIOVALDO – (*Suplicante.*) Marluce, eu não quero te matar. Eu juro! Também não quero me separar. O que eu quero é chegar a um acordo, pra evitar que todo dia a gente tenha que brigar por causa do teu ciúme.

MARLUCE – Quer dizer que a gente só briga por causa dos meus ciúmes, não é?

ARIOVALDO – Marluce, a gente está há duas horas brigando por quê?

MARLUCE – Porque você é um cafajeste.

ARIOVALDO – (*Erguendo os olhos para o céu mas se contendo.*) E eu sou um cafajeste por quê? Porque você acha que eu estava paquerando na praia e ficou com ciúmes. É ou não é?

MARLUCE – E não estava paquerando? Diz que não, se você tem coragem.

ARIOVALDO – Paquerando ou não, o caso é que você ficou com ciúmes. E é essa a causa de todas as nossas brigas! Teu ciúme doentio.

MARLUCE – O meu ciúme, não é? Você só sabe ver o meu ciúme. Mas outro dia quando eu encontrei o Toninho na praia, quem é que chegou em casa botando banca de machão, dando coice até na sombra. Hem? Quem foi?

ARIOVALDO – Aquilo foi outra história. Não confunde não.

MARLUCE – Aaaaah! Aquilo foi outra história, não é? Quando é você sempre é outra história.

ARIOVALDO – Ali era um caso inteiramente diferente.

MARLUCE – Diferente por quê? Vai dizer que você não ficou com ciúmes?

ARIOVALDO – Eu com ciúmes? Não seja ridícula.

MARLUCE – Não era ciúmes? Então o que que era, pode me dizer?

ARIOVALDO – Eu estava simplesmente querendo preservar a tua reputação.

MARLUCE – (*Dá uma gargalhada.*) Essa foi a melhor do dia, Ariovaldo. Conta outra.

ARIOVALDO – (*Arremeda a risada dela.*) Está rindo de imbecil que é. A tua reputação sim. Porque eu não sou egoísta como você não. Eu me preocupo com você. E não ia permitir que um cafajeste, um mau-caráter daqueles te prejudicasse.

MARLUCE – Cafajeste... Mau caráter... Como é que você pode dizer uma coisa dessas, Ariovaldo? Você nem conhecia o cara.

ARIOVALDO – Tem certos tipos que não precisa conhecer. A gente vê logo.

MARLUCE – (*Em tom de advertência.*) Eu fui noiva dele três anos, Ariovaldo.

ARIOVALDO – O que não te enaltece em nada.

MARLUCE – Você dizendo isso está me ofendendo. Sacou?

ARIOVALDO – O melhor que você fazia era esquecer esse noivado. É uma página negra no teu passado.

MARLUCE – Aí que você se engana. Eu só tenho ótimas recordações daquela época. O Dico é um cara muito bacana.

ARIOVALDO – Dico?

MARLUCE – Dico. É como eu chamava ele. Se eu tivesse me casado com ele talvez fosse muito mais feliz. E não casei não foi por falta de vontade dele não. Que por ele bastava eu fazer um sinal que ele se arrastava a meus pés. Tanto que ele me disse que até hoje não se casou porque nunca mais amou ninguém.

ARIOVALDO – (*Despeitado.*) Que romântico!

MARLUCE – Às vezes eu penso que fiz grossa besteira casando com você. Aliás, mamãe não cansa de me dizer isso.

ARIOVALDO – Sempre essa maldita velha. Um dia eu ainda enfio o braço naquela megera. Estou te avisando, hem.

MARLUCE – Você seria bem capaz disso. Não duvido não. E essa é a grande diferença entre você e Toninho. Toninho é um rapaz educado, sempre tratou minha mãe com respeito, com gentileza. Enquanto você é um grosso.

ARIOVALDO – Aquele animal, gentil? (*Dá uma risada.*) Tem graça.

MARLUCE – Você tem é mágoa dele, porque ele é muito mais bonito, muito mais espirituoso, muito mais inteligente que você. Por isso que você ficou com ciúmes.

ARIOVALDO – (*Furioso.*) Eu não fiquei com ciúmes de ninguém, Marluce! Ciúmes é falta de autoconfiança. E eu graças a Deus sempre tive muita confiança em mim mesmo.

MARLUCE – Ainda bem. Porque fora você ninguém mais tem. A começar pelos teus clientes.

ARIOVALDO – Não começa! (*Pausa.*) Sabe por que que eu fiquei com raiva daquele cara? Porque eu, se encontro minha ex-noiva com o marido, vou me apresentar a ele, bater um papo, não é o que aquele cavalo fez. Foi chegando, nem olhou pra mim, te tratando como se fosse propriedade dele. Que que há?

MARLUCE – Deixa de ser mentiroso, Ariovaldo. Então ele não falou com você?

ARIOVALDO – Falou assim, como se eu fosse um bedamerda qualquer.

MARLUCE – Falou muito direitinho. Agora é claro que ele ia dar mais atenção a mim, não é. Nem te conhecia. Enquanto comigo (*maldosa.*) tinha mil coisas pra recordar. Nós fomos noivos três anos, não é.

ARIOVALDO – Que recordar! Então eu não manjo essas figuras que vem do interior? Ainda mais de (*com desprezo.*) Sapucaia. Um buraco que nem ninguém sabe onde é.

MARLUCE – Que que tem ser de Sapucaia, hem? Eu também sou de lá.

ARIOVALDO – Você é mulher. O problema é outro. Mas homem de lá tem aquela mente suja, de freqüentador de zona. Acha que fora a mulher dele e a mãe dele, todas as mulheres são piranhas. Então te encontrou aqui, já casada e tal, falou: vou entrar nessa boca. Porque pra esses caras mulher que mora no Rio ou vem pro Rio é piranha. Eu manjo.

MARLUCE – Deixa de ser ridículo, Ariovaldo. Não é nada disso.

ARIOVALDO – Que não é. Aliás foi até bom a gente falar nisso. Porque outro dia aquele cafajeste ligou praqui. Não disse que era ele mas eu saquei a voz. Agora vou te dizer. Se a gente encontrar com ele de novo e ele fizer o que fez da outra vez, o caldo vai engrossar. Já aquela vez eu devia ter tomado uma atitude. Não tomei porque sou um cara educado e não estou aí pra aprontar escândalo. Mas tudo tem um limite. Ele que se cuide.

MARLUCE – E ainda diz que não é ciumento! Puta que o pariu!

ARIOVALDO – Não sou mesmo não. Mas acho que até pra paquerar a mulher dos outros o cara tem que ter um mínimo de classe. O que é muito diferente da tua atitude. Você vive vendo traição em qualquer olhar que eu dou pruma mulher. Aí a coisa é outra.

MARLUCE – Em mim, é ciúme. Nele é classe, preocupação com a minha reputação. Ora, você vá praquele lugar, Ariovaldo.

ARIOVALDO – É isso mesmo. Eu sou um cara avançado, do meu século. Não tenho essa mentalidade latina, retrógada, não. Pra mim você é uma pessoa livre, pode fazer o que quiser. Da mesma forma que eu também quero ser livre. Fazer o que me der na veneta. (*Toca o telefone. MARLUCE faz menção de ir atender. ARIovaldo corre na sua frente.*) Deixa que eu atendo. Se for aquele salafrário eu vou engrossar. (*Atende.*) Alô. Ah, é você, papai? Como é que está? (*Pausa.*) Piorou? Como? O senhor tomou aquele remédio que eu mandei? (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Tomou o que? Chá de arruda? Mas papai, isso é um veneno pro que o senhor tem. Por que o senhor não tomou o remédio que eu mandei? (*Pausa.*) Quem? A vizinha? E o senhor confia mais nas comadres que no seu filho que é médico, papai? (*Pausa.*) Que? Confia. (*Pausa.*) Mas daquela vez foi outra coisa, papai. Eu sei que eu errei. Mas errar é humano, não é? E se o senhor não confia em mim, pra que que me pede receita? (*Pausa.*) Porque eu sou seu filho e o senhor tem que me prestigiar? E me prestigia assim. Tomando chá de arruda. Toma o que eu mandei, senão o senhor vai acabar morrendo. (*Pausa.*) Hum, vai tomar. Bom. (*Pausa.*) Vai tudo bem. Marluce está bem. Está mandando um abraço pro senhor. (*MARLUCE dá uma banana pra ele.*) Não, papai. Não apareceu nenhum cliente novo. Acho que está todo mundo se tratando com as comadres.

Por isso que os médicos estão morrendo de fome. *(Pausa.)* Eu sei, papai. Mas no começo é difícil mesmo. Depois engrena. *(Pausa. Irritado.)* Eu tenho o meu estacionamento, papai. *(Pausa.)* Hum... Hum... Hum... Está bem, papai. Depois a gente conversa. Agora estou ocupado. Até logo. *(Bate o telefone.)* Por que que todo mundo tem que invocar com o meu estacionamento, hem? Será que é algum desdouro ganhar dinheiro com um estacionamento?

MARLUCE – Convenhamos, não é, Ariovaldo? Você perguntar prum cara o que que ele faz na vida, ele responder que é dono de um estacionamento, não é exatamente uma coisa que pegue bem.

ARIOVALDO – Primeiro que eu não sou dono de estacionamento. Eu sou um médico. Está ali o meu diploma pra provar.

MARLUCE – Agora só falta convencer os doentes.

ARIOVALDO – Não começa! *(Pausa.)* Eu sei que eu só tenho um cliente. Mas isso é porque eu estou no começo. Quando engrenar...

MARLUCE – Quando engrenar você se aposenta. Porque só no começo você já está há *(Mostra os dedos.)* cinco anos.

ARIOVALDO – Isso é porque meu consultório... Aliás, chega desse assunto. Não era isso que a gente estava discutindo. A gente estava discutindo a nossa situação conjugal.

MARLUCE – Estava. Que que você propõe?

ARIOVALDO – Não sei. Sei que hoje a gente tem que tomar uma resolução.

MARLUCE – Também acho. *(Longo silêncio.)* Estou me lembrando de uma moça que foi do meu grupo de análise. Teve uma época que ela e o marido estavam péssimos. Só faltavam se matar. Sabe o que que eles fizeram? Ela foi pra Europa, sozinha, passou três meses lá. Ele ficou aqui. Quando ela voltou, eles ficaram numa boa, ela até saiu da análise. Tiraram férias conjugais.

ARIOVALDO – *(Iluminado. Para si próprio.)* Férias conjugais... Férias conjugais... *(Voltando-se repentinamente para ela.)* Táí. Essa pode ser uma boa idéia.

MARLUCE – O quê? Férias conjugais, nós?

ARIOVALDO – Por que não? Eu pelo menos tenho estrutura pra isso. Não sou nenhum provinciano. Agora você...

MARLUCE – Eu o quê?

ARIOVALDO – Bem. Você com essa mentalidade de Sapucaia, né. Ainda está no século passado.

MARLUCE – Você fala como se fosse muito pra frente. Eu tenho até vontade de topar um negócio desses só pra ver até onde você vai.

ARIOVALDO – Você pensa que eu estou brincando? Estou falando sério. Se você topar eu tiro férias conjugais. Não tenho grilo não. Acho até muito bacana. Uma atitude racional. Está cansado um do outro? Tira férias. Pois até no trabalho as pessoas tiram férias.

MARLUCE – (*Decidida.*) Então tá. Vamos tirar férias conjugais. Eu estou sacando muito bem qual é a tua. Você está a fim de transar as mulheres aí e quer me tirar da jogada, pensando que eu não vou ter coragem de fazer nada. Pois vamos ver.

ARIOVALDO – Eu não estou pensando nada, mulher. Se é férias, é férias pros dois. Cada um na sua.

MARLUCE – Está pensando sim. Mas deixa pra lá. Agora, tem uma coisa. Você paga.

ARIOVALDO – Paga? Paga o quê? Não vai querer me cobrar pra tirar férias. Qual é?

MARLUCE – Paga minha viagem pra Europa. Porque com o meu ordenado de professora só dá pra eu ir até Niterói. E você não vai querer que eu passe minhas férias conjugais na praia de Icaraí, não é?

ARIOVALDO – Que pagar o que, mulher. Então eu vou pagar os tubos pra você ir pra Europa me cornear? Essa é boa!

MARLUCE – Ora, mas não é você que está querendo tirar férias?

ARIOVALDO – Não sou eu que estou querendo. Não distorce as coisas. Acho que é uma necessidade de nós dois, do nosso relacionamento. Você mesmo citou o caso da tua amiga. Três meses de férias, pronto. Acabaram-se os grilos. Por que que com a gente também não pode acontecer isso?

MARLUCE – Eu não estou dizendo que não vai dar certo não. Só estou dizendo que eu não tenho dinheiro pra passar três meses na Europa. Só se você pagar.

ARIOVALDO – Eu também não tenho dinheiro não. O estacionamento mal dá pra pagar as prestações do apartamento e pra manter o consultório. Não sobra nada.

MARLUCE – Por que você não fecha aquela porcaria daquele consultório? Não aparece mesmo ninguém lá.

ARIOVALDO – Não começa!

MARLUCE – É isso mesmo, Ariovaldo. Então não é um absurdo pagar uma sala, pagar enfermeira, pagar imposto pra atender uma cliente, umazinha só, que aparece lá de quinze em quinze dias?

ARIOVALDO – Não começa!

MARLUCE – Começo sim. Já estou até acabando. Pra atender uma cliente, não precisa de consultório. Ou então por que você não abre consultório em Magé, Rio Claro, sei lá. Dizem que nesses lugares tem falta de médico.

ARIOVALDO – Então eu vou me meter num buraco desses? Você está maluca? Deixa que a coisa aqui acaba engrenando. Basta ter uma epidemia, um negócio desses, que eu deslancho. E depois já disse que não quero discutir esse assunto. Não tem nada a ver com o nosso problema. Se não tem dinheiro não vai pra Europa. Quem é que disse que férias conjugais só pode ser na Europa? Você vai pra casa da tua mãe. Pronto.

MARLUCE – Calma lá. Tá bem que não precisa ser na Europa. Mas daí dizer que pode ser no Catumbi, também é demais, não é! Pra casa da minha mãe eu não vou. Nem adianta.

ARIOVALDO – Por que não vai? Ainda mais agora. É o ideal. Ela não foi pra Sapucaia?

MARLUCE – Foi.

ARIOVALDO – Então. Você pode ficar lá sozinha. Quer melhor que isso?

MARLUCE – Sozinha no Catumbi. Que excitante! Realmente é o máximo que uma mulher pode esperar de suas férias conjugais.

ARIOVALDO – Não digo que seja o máximo. Mas também não é tão ruim assim.

MARLUCE – Enquanto você fica aqui em Ipanema. Não, meu filho. Essa não. E depois mamãe pode voltar a qualquer momento. Eu não estou a fim de ficar o dia inteiro ouvindo ela dizer – com mais razão agora – que eu devia ter me casado com o Toninho.

ARIOVALDO – Essa megera! (*Pausa.*) Ela não vai voltar tão cedo. Quanto tempo fazia que ela não ia lá?

MARLUCE – Seis anos. Desde que meu pai morreu.

ARIOVALDO – Então. Até ela se inteirar de todas as fofocas que correram lá nesses seis anos, minha filha, bota tempo nisso. Ela vai passar lá uns oito meses, no mínimo.

MARLUCE – O caso é que eu não vou pra casa da mamãe. Pronto. Por que não vai você pra casa do teu pai? Assim você aproveita, dá bastante remédio pra ele pra ver se ele morre duma vez.

ARIOVALDO – Não começa! Eu não vou pra casa de ninguém. Vou ficar na minha casa.

MARLUCE – Tua casa, não. Que ela também é minha.

ARIOVALDO – Mas é mais minha que tua. Por isso quem vai sair é você.

MARLUCE – Eu só saio levando a minha parte.

ARIOVALDO – Que tua parte! Como é que pode dividir um negócio desses?

MARLUCE – Sei lá. Corta os móveis no meio, me dá um pedaço da parede, qualquer coisa. O caso é que se eu tiver que sair, vou levar minha parte.

ARIOVALDO – Por que em tudo você tem que criar problema, hem?

MARLUCE – Eu que crio problema? Você quer me expulsar da minha casa e quem cria problema sou eu?

ARIOVALDO – Por que você não vai pra casa da Kátia? Taí. É a solução.

MARLUCE – Que casa de Kátia! Então vou sair pra ficar aqui no edifício?

ARIOVALDO – Que que tem ficar aqui no edifício?

MARLUCE – Nada! A vizinhança, os porteiros, os faxineiros, todo mundo participando das nossas férias conjugais. Tem graça. E depois a Kátia também já anda cheia de grilo com o marido, eu ainda vou me meter lá? Não. Se você quer tirar férias só tem duas opções: ou sai você ou você me paga uma viagem pra Europa.

ARIOVALDO – Então não tem férias. Acabou. *(Pausa.)* Agora, tem uma coisa. Se uma manhã dessas você for encontrada morta no banheiro, não vem dizer que eu não avisei.

MARLUCE – Ah! Não disse? Taí. No fundo o que você quer é me matar. Bem que mamãe diz: ele tem cara de assassino.

ARIOVALDO – *(Indo em direção ao corredor.)* Chega de papo. *(Sai. Ela faz um gesto de ódio mas se contém. Senta-se, acende um cigarro e fica dando baforadas furiosas. Após alguns momentos, ARIOVALDO volta.)* Tive uma idéia. Vê que que você acha. Você não quer sair, eu também não. Está certo. A casa é dos dois. A gente também não tem dinheiro pra viajar, pra ir pra hotel, essas coisas. Está certo, não tem o que discutir. Mas não é por isso que a gente precisa deixar de tirar nossas férias. Um negócio que a gente já concordou que é da maior importância pro nosso relacionamento.

MARLUCE – Qual é a mágica?

ARIOVALDO – A mágica é simples. Ninguém sai. Continua tudo na mesma, só que a gente está de férias. Inclusive isso é bom porque assim a gente evita fofoca.

MARLUCE – Quer dizer que continuamos os dois aqui, mas separados.

ARIOVALDO – De férias.

MARLUCE – De férias conjugais mas morando na mesma casa. E como é que a gente vai fazer? Botar uma cerca no meio da cama? Você dum lado com a tua amante e eu do outro com o meu. Não, cara. Devassidão não é comigo não.

ARIOVALDO – Quem falou em devassidão, Marluce? Deixa de ser burra. Não é nada disso. A gente divide por dia, quer dizer, por noite. Por exemplo. Terça, quinta e sábado a casa é minha. Você sai, vai passear, vai ao cinema, sei lá, só não fica em casa, nem pergunta depois o que aconteceu. Segunda, quarta e sexta sou eu que saio. Você fica com o apartamento, faz o que quiser, não quero nem saber.

MARLUCE – Já ficou com os melhores dias. Que que eu vou transar numa segunda-feira?

ARIOVALDO – Isso foi só um exemplo, Marluce. Não complica.

MARLUCE – E o domingo, com quem fica?

ARIOVALDO – Domingo? Sei lá. Domingo fica sendo dia neutro. Dia de trégua.

MARLUCE – Trégua? Não. Não vai ter trégua não. Enquanto a gente estiver de férias eu não transo contigo não. Se agüenta. Se a barra ficar pesada, o problema é teu.

ARIOVALDO – Eu não estou pedindo trégua nenhuma não, Marluce. Vê lá se eu preciso disso.

MARLUCE – Isso é que vamos ver.

ARIOVALDO – Vamos ver sim. Eu falei trégua por falar. Domingo fica sendo dia neutro, pronto. Terra de ninguém. Quer chegar primeiro, ocupa. Só que tem que avisar o outro antes.

MARLUCE – Tá legal.

ARIOVALDO – Tá legal?

MARLUCE – Tá legal. Vamos tirar férias conjugais. Mas ainda tem um detalhe. Até que horas vale isso?

ARIOVALDO – Até uma hora da manhã. Uma hora tem que desocupar o beco pro outro poder dormir.

MARLUCE – Falou.

ARIOVALDO – Falou?

MARLUCE – Falou.

ARIOVALDO – Nenhum problema?

MARLUCE – Nenhum problema. Quando é que começa?

ARIOVALDO – Por mim pode começar hoje.

MARLUCE – Pra mim tudo bem.

ARIOVALDO – Hoje e sábado, logo é dia meu.

MARLUCE – Não estou dizendo! Puxou logo o sábado pra ele.

ARIOVALDO – Semana que vem a gente troca, pronto. Uma semana eu fico terça, quinta e sábado e você segunda, quarta e sexta. Na outra troca.

MARLUCE – Tá legal.

ARIOVALDO – Agora, só tem uma condição que eu imponho.

MARLUCE – Qual?

ARIOVALDO – Que você não transe com aquele cafajeste.

MARLUCE – Quem, o Toninho? Não. Férias é férias. Eu transo com quem eu quiser.

ARIOVALDO – Então nada feito. Só estou impondo essa condição. Você não quer.

MARLUCE – Então nada feito. Por mim tudo bem. (*Silêncio.*)

ARIOVALDO – Escuta. Vamos entrar num acordo. Vai ser uma condição pra nós dois. Não pode transar com gente conhecida. Pronto. É uma coisa razoável. É ou não é? Um meio da gente evitar complicação.

MARLUCE – Sob esse aspecto, até que você tem razão.

ARIOVALDO – Então fica estabelecido. Não pode transar com conhecido.

MARLUCE – Tudo bem.

ARIOVALDO – Tudo bem?

MARLUCE – Tudo bem.

ARIOVALDO – A gente marca o prazo de um mês. Depois de um mês a gente conversa pra ver se continua ou não.

MARLUCE – Tudo bem.

ARIOVALDO – Tudo bem?

MARLUCE – Tudo bem.

ARIOVALDO – (*Triunfante.*) Então estamos em férias conjugais?

MARLUCE – Férias conjugais.

ARIOVALDO – (*Dirigindo-se ao interior, saltitante e cantarolando.*) Vou tomar meu baninho, pra mandar minha brasinha. (*Sai.*)

MARLUCE – (*Desanimada.*) Férias conjugais dentro de casa. Onde é que eu fui amarrar minha égua?

## CENA II

MARLUCE.

*A cena está vazia. O telefone começa a tocar. Toca várias vezes até que MARLUCE venha do interior correndo. Quando vai atender, desligam. Ela veste calça jeans e camisa. Ao notar que desligaram, faz um gesto de irritação e se vira para voltar ao interior, mas muda de idéia, pega o telefone e discar.*

MARLUCE – *(Após alguns momentos.)* Alô, Kátia? Marluce. Está boa? Foi você que ligou praqui agora? Não? Pensei que tivesse sido você. O porteiro me disse que você tinha chegado hoje de manhã. Como é que foi a viagem? *(Pausa.)* Muito trabalho, é? *(Pausa.)* Iiii! Minha filha! Você nem imagina. O negócio aqui em casa está o maior ouriço. *(Pausa.)* Você vai cair pra trás. Eu e Ariovaldo estamos em férias conjugais. *(Dá uma risada.)* Pra você ver. *(Pausa.)* Nada, minha filha. Com os dois dentro de casa. *(Ri.)* Não é uma loucura? *(Pausa.)* Não. A gente dividiu a semana. Segunda, quarta e sexta o apartamento é meu. Terça, quinta e sábado dele. Domingo é dia neutro. *(Pausa.)* Não. Quer dizer que no domingo quem chega primeiro, ocupa o terreno. *(Pausa.)* Que nada. Estou sozinha. Ele também não avisou nada. Quer dizer que hoje deve ser dia morto mesmo. *(Pausa.)* Há quanto tempo? Deixa eu ver. Hoje é domingo, não é? Fez uma semana ontem. *(Pausa. Ri.)* Nada, minha filha. Eu pelo menos ainda estou em brancas nuvens. Não vou andar por aí paquerando, não é, Kátia. Nem me interessa. Só topei pra ver até onde ele vai. O pior é que o danado sabe disso, que eu não vou fazer nada. *(Pausa.)* Ele? Acho que até agora não. Pela cara dele. *(Pausa.)* Não. Não pode perguntar. *(Ri.)* É uma piada, não é? *(Pausa.)* Ir aí? Agora? É. É uma idéia. *(Pausa.)* Não. Eu estava me preparando pra fazer um tratamento de pele. Comprei uma máscara de beleza nova que dizem que é sensacional. *(Pausa.)* É. Passa no rosto e deixa secar. Fica horrível. *(Pausa.)* Não. Eu enchi a banheira de água morna e vou deitar, pra ver se relaxa um pouco. *(Irônica.)* Essas férias estão me deixando muito nervosa, sabe. *(Pausa.)* Tá. Então eu vou dar um pulinho aí agora. Mas só um instantinho. *(Pausa.)* Que? Ir pelos fundos? Você está sem a chave da frente? Tá. Daqui a dois minutos estou aí. Tchau. *(Desliga o telefone, pega um maço de cigarros em algum lugar e sai pelo corredor ao fundo para a direita. Após alguns momentos passa em direção à esquerda. Ouve-se uma porta abrir-se e fechar-se.)*

## CENA III

ARIOVALDO, VERA, MARLUCE.

*Logo depois que a porta se fecha ao fundo, ARIOV ALDO abre a porta da direita. Antes de entrar olha com muito cuidado, procurando também ouvir algum ruído no interior. Após certificar-se de que não há ninguém, disfarça e entra, seguido de VERA.*

VERA – *(Olhando em torno.)* Você não disse que morava sozinho?

ARIOVALDO – *(Fechando a porta.)* Moro. Por quê?

VERA – Sei lá. Me deu a impressão que você estava com medo que tivesse alguém aqui dentro.

ARIOVALDO – *(Coçando a cabeça.)* Ah... Não. Isso é por causa da empregada. Eu ando desconfiado que quando eu saio ela banca a madame aqui, ouve disco, convida as amigas. Então queria ver se pegava no flagra.

VERA – Essas empregadas de hoje não são fáceis.

ARIOVALDO – Não são não. A gente tem que dar duro. Mas senta aí.

VERA – *(Sentando-se.)* Gostei do teu apartamento.

ARIOVALDO – É bonzinho, né.

VERA – É. Muito bem arrumado. Parece até que foi uma mulher que decorou.

ARIOVALDO – Você acha? Modéstia a parte eu tenho muito bom gosto. Além disso minha ex-mulher ajudou um pouco, quando a gente morava junto.

VERA – Você já foi casado?

ARIOVALDO – Fui. Mas não deu pé não. *(Solene.)* A monogamia é apenas um mito. O homem é polígamo por natureza. Você nunca foi casada?

VERA – Não... Quer dizer... Não.

ARIOVALDO – Faz bem. Preserva tua liberdade. Isso é muito importante. Eu que o diga. Você sabe, sou um médico conhecido, meu consultório está sempre cheio de mulheres. Então isso causava os maiores problemas de ciúmes, brigas. Uma coisa desagradável. Vamos tomar alguma coisa?

VERA – Vamos.

ARIOVALDO – Vou pegar um uisquinho pra gente. Você quer puro ou com gelo?

VERA – Com guaraná

ARIOVALDO – Guaraná? Guaraná eu acho que não tem.

VERA – Então com qualquer coisa.

ARIOVALDO – Qualquer coisa? Tá. Eu vou ver. *(Sai pelo corredor para a esquerda. VERA levanta-se e examina a sala. Em algum lugar encontra uma pulseira de mulher.)*

VERA – *(Examinando a pulseira, elevando a voz.)* De quem é essa pulseira?

ARIOVALDO – *(Metendo a cara na entrada do corredor.)* O quê?

VERA – Essa pulseira.

ARIOVALDO – Ah, isso deve ser da empregada. Não estou te dizendo que quando eu saio ela toma conta da casa. *(Saindo.)* É um problema. *(VERA continua a examinar as coisas. Após alguns momentos, volta ARIOVALDO com dois copos na mão.)* Botei água mesmo. Não tinha mais nada. Isso foi a criada que bebeu todos os refrigerantes.

VERA – Está bom assim. *(Pega o copo que ARIOVALDO lhe oferece.)*

ARIOVALDO – *(Sentando-se.)* Senta aqui. *(Ela senta ao lado dele. Batendo com o seu copo no dela.)* Tim, Tim.

VERA – Tim, Tim. *(Bebem. Engolindo com dificuldade.)* Que uísque é esse?

ARIOVALDO – Escocês. Muito bom. Não achou?

VERA – *(Sem o menor entusiasmo.)* Bonzinho.

ARIOVALDO – *(Chegando mais para perto dela.)* Quer dizer que você também estava sem programa nesse domingo?

VERA – É. Domingo é um dia tão chato, não é.

ARIOVALDO – Eu sempre digo que o domingo é um dia... Um dia... Neutro. Isso. Um dia neutro. Um dia que ninguém sabe exatamente onde pisa.

VERA – Que cor você acha que o domingo tem?

ARIOVALDO – Cor? Que cor?

VERA – Assim, se cada dia da semana tivesse uma cor. Que cor você dava pro domingo?

ARIOVALDO – *(Pensativo.)* Pro domingo? Verde-nojo. *(Ri.)* Ou então roxo-porrada. *(Ri mais ainda.)*

VERA – Ah, você está brincando.

ARIOVALDO – *(Colocando o braço em volta do ombro dela.)* Você não gosta de brincar?

VERA – Depende.

ARIOVALDO – Depende de que?

VERA – Depende do lugar, da hora.

ARIOVALDO – E você não acha esse lugar e essa hora bons?

VERA – Não sei. Nunca vim aqui antes. Imagina se de repente ela entra aqui?

ARIOVALDO – (*Assustado, olhando para os lados.*) Entra? Quem que entra?

VERA – A tua empregada.

ARIOVALDO – Que empregada? Ah, a empregada. Não. Não entra não. Eu cheguei primeiro.

VERA – Chegou primeiro?

ARIOVALDO – É. Quer dizer. Eu estando aqui, ela não vem aqui. Claro. É uma empregada. Tem que ficar na cozinha, no quarto dela. Além disso ela só deve chegar depois de uma hora. (*Para si mesmo.*) Pelo menos foi o que nós combinamos. (*Abraçando-a*) Agora deixa eu te dar um beijinho.

VERA – (*Esquivando-se.*) Calma. Vamos conversar um pouco. Me fala da tua vida, do teu trabalho. Você é operador?

ARIOVALDO – Operador? Operador de quê?

VERA – Médico operador, rapaz.

ARIOVALDO – Ah. Não. Sou clínico. A parte mais difícil da medicina. Sou eu que aponto aonde está a doença. (*Cutuca a barriga dela com o dedo e continua cutucando à medida que vai falando.*) Se está aqui, ou aqui, ou aqui.

VERA – (*Dando risadinhas.*) Não faz. Não faz.

ARIOVALDO – Você não quer que eu te examine?

VERA – Não. Eu estou muito bem de saúde.

ARIOVALDO – Isso é o que você pensa. Pelos teus olhos eu vejo que você está anêmica. Está precisando de muita vitamina.

VERA – É? Que tipo de vitamina?

ARIOVALDO – Vitamina C.

VERA – Mas vitamina faz a gente engordar.

ARIOVALDO – Nem sempre.

VERA – Então que que você me receita?

ARIOVALDO – Primeiro preciso fazer um exame de corpo inteiro.

VERA – (*Melosa.*) É? E você vai usar o estetoscópio?

ARIOVALDO – (*Estão cada vez mais próximos, quase se beijando.*) Não. Eu não uso instrumentos. Meu exame é direto, só apalpando.

VERA – Hum. Que médico avançado. (*Quando vão se beijar, toca o telefone.*)

ARIOVALDO – (*Fazendo um gesto de ódio e se levantando, furioso, para atender.*) Tinha que ser agora. (*Atende. Grosseiro.*) Alô. Quem? Ah, é você, papai? Que que é? (*Pausa.*) Hem? Não. Não estou de mau humor não. (*Pausa.*) Papai, já disse que não estou de mau humor. Eu sei. Eu não estou desrespeitando o senhor, papai. Fala logo o que o senhor quer. (*Pausa.*) Ah, meu saco! Hum. Hum. Sei, papai. Hum. Hum. Deixa eu falar, papai. Hum. Hum. Deixa eu falar, papai. Papai, eu tenho o má... Ah, meu saco. Papai. (*Desiste.*) Hum. Hum. Hum. Hum. Hum. Está bem, papai. Então me desculpe. Hum. Papai, eu estou te pedindo desculpas. (*VERA se levanta e tenta ligar a televisão, sem conseguir.*) Papai, eu sei que o senhor é meu pai. Não precisa ficar repetindo isso toda vida. Hum. Está bem, papai. Então fala o que o senhor quer. Eu estou calmo. Então fala. Sei. Hum. Na vista. Sei. Olha, isso deve ser uma conjuntivite. O senhor põe... Quê? Papai, eu tenho experiência disso. (*VERA mexe em todos os botões e por todos os lados na televisão até que descobre que não está ligada. Fica procurando a tomada para ligar.*) Não estou chutando nada não. Ah, meu saco. Papai, isso é uma coisa à toa. Não precisa eu ir aí pra ver o senhor. Além do mais agora eu estou ocupado. Sei... Sei... Sei. Escuta, faz o seguinte. Põe o remédio que eu vou falar. Se não melhorar depois eu vou aí. Está bem? Hum. Olha, é uma pomadinha que uma vez eu dei pro senhor. Tá lembrado? (*Pausa.*) É. Aquela mesmo. Está bem? Até logo então. Quê? Mas papai, eu estou ocupado. (*ARIOVALDO está aflito com VERA que não acha a tomada.*) Como é que põe? (*Para VERA.*) Enfia por trás. (*No telefone.*) Quê? (*Desesperado.*) Não, papai. Eu não estava falando com o senhor. Quê? Papai... Eu... Papai... Eu. Não, papai. Eu não estava engrossando com o senhor. (*VERA desiste e vai pro L.*) eu estava falando com a... Nada. Quê? Ah, meu saco! O senhor pega a pomada e põe na vista. Está bem? Até logo. Depois eu ligo. (*Bate o telefone.*) Mas será possível? (*Procurando.*) Vera!

VERA – Estou aqui.

ARIOVALDO – (*Indo para junto dela.*) Ah, você está aí. Desculpe, viu. Mas meu pai não é fácil.

VERA – Deu pra notar.

ARIOVALDO – E o pior é que ele não vai usar o remédio que eu mandei. Vai botar uma mézinha qualquer que a comadre receitar. Amanhã está com o olho deste tamanho. Mas deixa pra lá. Vamos continuar o nosso papo. Onde é que a gente estava?

VERA – Não sei. Tem que começar tudo de novo. (*Olhando pra fora.*) Esse lugar podia ser tão bonito, não é?

ARIOVALDO – Podia. Quando eu comprei esse apartamento dava pra ver a lagoa inteirinha daqui.

VERA – Pois é. Se não fosse esse edifício aí na frente você ia ter uma vista linda.

ARIOVALDO – No dia que eu assinei a escritura eles começaram a construir esse aí na frente. Resultado: hoje a gente olha pra fora dá de cara com um muro. Cachorrada! E pensar que ainda faltam 68 meses pra eu acabar de pagar. Me dá vontade de me jogar lá embaixo.

VERA – Calma, rapaz.

ARIOVALDO – É que você tocou na minha ferida.

VERA – Ah, desculpe. Eu não sabia.

ARIOVALDO – Não tem importância.

VERA – Então esquece isso. Você estava me examinando, lembra?

ARIOVALDO – *(Segurando-a pela cintura.)* É?

VERA – Você disse que precisava fazer um exame de corpo inteiro.

ARIOVALDO – Então vamos fazer. *(Começa a apalpá-la.)* Que que você sente?

VERA – *(Melosa.)* An! An! Eu sinto uma coisa tão esquisita.

ARIOVALDO – Um sintoma interessante. Mas como é que é essa coisa?

VERA – Parece uma febre que vai me subindo pelo corpo.

ARIOVALDO – *(Abraçando-a.)* É verdade. Você está muito quente.

VERA – Acho que vou ter uma convulsão.

ARIOVALDO – Então deixa eu te esfriar. *(Quando vão se beijar ouve-se o ruído de uma porta abrindo-se e fechando-se ao fundo.)*

VERA – *(Atenta.)* Acho que eu ouvi alguma coisa.

ARIOVALDO – Impressão tua. *(Beija-a. Ela se entrega. MARLUCE aparece na entrada do corredor, pára, intrigada, leva a mão junto ao ouvido, olha a sala, faz um gesto de quem se enganou e sai pelo corredor pela direita.)*

VERA – Hum! Você é um médico tão competente.

ARIOVALDO – Por quê?

VERA – Já estou me sentindo outra.

ARIOVALDO – Você ainda não viu nada. Eu tenho tratamentos muito mais eficientes.

VERA – Não diga.

ARIOVALDO – Digo. Umás duas ou três aplicações e você sai tinindo. Quer experimentar?

VERA – Agora?

ARIOVALDO – Agora mesmo. Os aparelhos já estão todos ligados. Tensão máxima. *(Tenta abraçá-la mas ela evita, voltando para a poltrona onde estavam.)*

VERA – *(Pegando o copo de uísque.)* Calma. Preciso me preparar psicologicamente. Se não posso ter um traumatismo.

ARIOVALDO – *(Sentando-se ao lado dela.)* Eu tenho experiência. Não se preocupe.

VERA – Você já fez esse tratamento com muita gente?

ARIOVALDO – Iiii! Já até perdi a conta.

VERA – Hum! Que garanhão.

ARIOVALDO – Acho que você está me gozando.

VERA – *(Ri.)* Eu? Por quê? Não estou falando nada.

ARIOVALDO – Eu te manjo. Mas toma cuidado.

VERA – Por quê? Que que você faz quando está furioso?

ARIOVALDO – Você nem imagina. Não queira experimentar.

VERA – Assim eu fico cada vez mais curiosa. Conta.

ARIOVALDO – *(Abraçando-a.)* Deixa de bobagem. Vamos que está ficando tarde.

VERA – Que que tem? Você tem hora marcada?

ARIOVALDO – Tenho. Não. Quer dizer... Daqui a pouco liga um cliente aí. Acontece alguma coisa. Que horas são?

VERA – Oito horas ainda.

ARIOVALDO – Estava pensando que fosse mais tarde. De qualquer forma é bom não facilitar. Esses clientes!

VERA – Vamos acabar de tomar o uísque. Que que um médico sente quando examina uma cliente?

ARIOVALDO – Bem. Isso depende, não é. Depende da cliente. Pra que que você quer saber isso?

VERA – Por nada. Curiosidade.

ARIOVALDO – Curiosidade, não é? Que que você sente quando um médico te examina?

VERA – Depende do médico. (*Os dois riem.*) Me fala da tua mulher.

ARIOVALDO – Minha mulher? Que assunto mais idiota. Já me separei dela. Não acredita?

VERA – Acredito. Só quero saber como ela era. Por que que vocês separaram.

ARIOVALDO – Pra que que você quer saber isso?

VERA – Por nada. Pra te conhecer melhor.

ARIOVALDO – Hum. Ela até que era legal, sabe. O mal é que era muito provinciana, muito careta.

VERA – Como?

ARIOVALDO – Provinciana. Por exemplo. Se eu olhava pruma mulher na praia ela já criava caso. Essas coisas.

VERA – E você não era ciumento não?

ARIOVALDO – Eu não. Vê lá. Ciúme é insegurança. E eu sou um cara muito seguro. Em tudo.

VERA – Está se vendo.

ARIOVALDO – Olha, vou te dar um exemplo. Tinha um ex-noivo dela que vivia dando em cima dela. Um negócio chato, não é? Qualquer outro tinha ido lá e saído no pau. Mas sabe o que que eu fiz? Convidei ele pra vir aqui em casa jantar com a gente. O cara desbundou. Chegou aqui, ficou assim todo sem jeito. Sei que depois daquele dia, ó, nunca mais.

VERA – Tem certeza?

ARIOVALDO – Certeza?

VERA – É. Ele pode ter parado de paquerar ela porque os dois se entenderam e aí...

ARIOVALDO – Aí o que?

VERA – Sei lá.

ARIOVALDO – Não. Não foi isso não. (*Intrigado.*) Por que que você falou isso?

VERA – Por falar, ué. Achei que era uma coisa possível. Esse negócio de ex-noivo, você sabe. Sempre fica aquela vontadezinha não satisfeita.

ARIOVALDO – (*Preocupado.*) É? Você acha?

VERA – Acho. Mas isso é coisa do passado. Você não vai ficar preocupado agora, não é?

ARIOVALDO – Não. Não estou preocupado não. Besteira. Eu, hem? Mas por que você acha isso?

VERA – Toda mulher é assim. No fundo, o primeiro sempre tem seu lugarzinho.

ARIOVALDO – *(Para si mesmo.)* Seu lugarzinho...

VERA – É aquela história. Amor, só o primeiro.

ARIOVALDO – *(Idem.)* Só o primeiro...

VERA – *(Olhando-o desconfiada.)* Mas que que há? Você está preocupado com isso?

ARIOVALDO – Preocupado? Não. Estou apenas refletindo sobre a psicologia feminina. Bem. Já acabou teu uísque?

VERA – Já.

ARIOVALDO – *(Esfregando as mãos.)* Então vamos ao tratamento?

VERA – *(Ri.)* Você é uma piada, Ariovaldo. Escuta, onde é o...?

ARIOVALDO – Hum. *(Indicando.)* À esquerda. No fundo do corredor.

VERA – *(Levantando-se.)* Eu já volto. *(Sai, sob o olhar concupiscente de ARIovaldo.)*

ARIOVALDO – *(Levanta-se e bate as mãos. Entusiasmado.)* Êta, sô! Até que enfim essas férias vão começar a render. *(Esfrega as mãos, animado. Após alguns momentos ouve-se, fora, um grito de pavor de VERA.)*

VERA – *(Fora.)* Ai! Socorro!

ARIOVALDO – *(Lívido.)* Que foi isso?

VERA – *(Entrando, desesperada.)* Socorro! Ai, meu Deus!

ARIOVALDO – Que que foi?

VERA – Tem uma mulher morta lá no banheiro.

ARIOVALDO – *(Aterrorizado.)* Mortal?

VERA – Está deitada na banheira, com aquela cara branca de cadáver. *(Grita histericamente.)*

ARIOVALDO – Ela se matou. Oh, não, meu Deus! Eu que sou o culpado. Ela se matou por minha causa. Ah, desgraçado. *(Cai de joelhos, socando o peito.)*

MARLUCE – (*Aparecendo na entrada do corredor, vestida num roupão, com a cara coberta pela máscara branca.*) Que isso? Que que aconteceu, meu Deus? (*Quando VERA dá com ela, grita mais histericamente ainda apontando horrorizada para ela.*)

ARIOVALDO – Marluce! Você ainda está viva! Graças a Deus!

MARLUCE – Claro que eu estou viva, pô! Manda essa mulher parar de gritar. (*VERA se cala e fica olhando para ela boquiaberta.*)

ARIOVALDO – Que que você tomou, Marluce? Por que que você fez isso?

MARLUCE – Fiz o quê?

ARIOVALDO – Você não tentou se matar?

MARLUCE – Que me matar o cacete!

ARIOVALDO – (*Botando a mão no coração.*) Obrigado, Marluce.

MARLUCE – Obrigado por quê?

ARIOVALDO – Por não ter se matado.

MARLUCE – E você acha que se eu estivesse a fim de me matar ia deixar de me matar pra te agradecer? Não se enxerga não? Quem é essa mulher? (*Ouvem-se batidas no teto.*)

ARIOVALDO – (*Dando-se conta da situação. Levantando, furioso.*) Que que esse velho está batendo aí?

MARLUCE – Com essa gritaria, essa zorra, você esperava o quê? Quem é essa histérica aí?

ARIOVALDO – Essa aí? (*Embaraçado.*) Ah, essa aí... Essa aí é a Vera. Uma amiga minha.

MARLUCE – Está muito nervosinha, hem, minha filha.

VERA – (*Ainda assustada.*) É essa que é a tua empregada?

ARIOVALDO – É. É a minha empregada.

MARLUCE – Como é que é?

ARIOVALDO – Quer dizer. Essa... Essa não. Essa é minha prima que está passando uns dias aqui em casa. É tanta coisa, meu Deus. Tinha até me esquecido dela. (*Apresentando. Para VERA.*) Essa é a Marluce, Vera. Minha prima de Sapucaia. (*Para MARLUCE.*) Essa é a Vera.

MARLUCE – (*Com desprezo.*) Prazer.

VERA – O prazer é todo meu.

ARIOVALDO – (*Dando risinhos desconcertados.*) Que coisa, né.

VERA – É.

ARIOVALDO – Que susto que você deu na gente, Marluce.

MARLUCE – (*Sarcástica.*) É, priminho?

ARIOVALDO – Nem me passou pela cabeça que você estivesse em casa agora.

MARLUCE – Não? Onde é que o priminho pensou que eu estivesse?

ARIOVALDO – Sei lá. Eu liguei praqui, ninguém atendeu.

MARLUCE – Ah, então foi você.

ARIOVALDO – Por que você não atendeu?

MARLUCE – O priminho nem pode imaginar. Eu estava fazendo um troço que ninguém pode fazer por mim.

ARIOVALDO – (*Entre dentes.*) Gracinha! (*Silêncio.*)

MARLUCE – Mas sentem. Não se incomodem comigo não. Façam de conta que eu nem estou aqui. Podem continuar o que vocês estavam fazendo. (*Vendo os copos sobre a mesinha.*) Estavam bebendo uísque? Acho que eu vou tomar um também.

ARIOVALDO – Senta, Vera. (*Ela se senta.*) A Marluce...

MARLUCE – (*Cortando.*) Você quer um amendoinzinho, querida?

VERA – Não. Muito obrigado.

MARLUCE – Olha que é bom, hem.

ARIOVALDO – A Marluce estava se preparando pra sair. Não é, Marluce?

MARLUCE – Hem? Que que você disse, priminho?

ARIOVALDO – Disse que você estava se preparando pra sair. Não é verdade?

MARLUCE – (*Saindo em direção à cozinha.*) Não, priminho. Eu estava me preparando pra ficar em casa. (*Sai.*)

VERA – (*Nervosa.*) Acho melhor eu ir embora.

ARIOVALDO – Que embora! Ela já vai sair.

VERA – Estou achando isso tão estranho. Você me disse que morava sozinho. Agora tem essa moça aí.

ARIOVALDO – Bobagem. É que eu nem me lembrei dela.

MARLUCE – *(Voltando com uma garrafa de uísque e um copo na mão.)* Quer mais um pouquinho, querida?

VERA – Não, obrigado.

MARLUCE – Toma. Depois do susto que você levou, faz bem.

ARIOVALDO – Você não tinha...

MARLUCE – *(Sentando, sem dar atenção a ARIovaldo. Para VERA.)* Você não conhecia essa máscara de beleza não?

VERA – Conhecia. Mas na hora que eu te vi deitada dentro da banheira levei o maior susto. Nem me passou pela cabeça que fosse máscara.

MARLUCE – Que coisa, não é. Você podia até ter desmaiado de susto.

VERA – Eu estava pensando que não tinha ninguém aqui.

MARLUCE – Esse priminho também. E ainda bem que você me descobriu antes.

VERA – Antes?

MARLUCE – É. Imagina se eu apareço numa hora mais imprópria? Aí que ia ser o rebu.

ARIOVALDO – Marluce, você não tinha um compromisso agora?

MARLUCE – Eu? Não, priminho.

ARIOVALDO – Tinha sim. Um contrato que você fez com aquele primo nosso. Não está lembrada? Você tem que sair.

MARLUCE – Ah, aquele contrato não está legal não, sabe. Eu estou querendo rediscutir todos os termos.

ARIOVALDO – Mas não agora, não é, Marluce!

MARLUCE – Ué! Você que está falando nisso.

ARIOVALDO – Ah, meu saco! *(Senta-se.)* Me dá um uísque aí. *(Pega a garrafa e serve-se. Silêncio. VERA dá sorrisinhos sem jeito para MARLUCE que a examina com sarcasmo. ARIovaldo está fumegante.)*

VERA – Quer dizer que você é de Sapucaia?

MARLUCE – Sou. Você conhece?

VERA – Não. É que eu conheci um rapaz de lá.

ARIOVALDO – Ah, é?

MARLUCE – Qual é o nome dele?

VERA – (*Embaraçada.*) Sabe que eu nem me lembro. Isso foi há tanto tempo. Você está aqui há quanto tempo?

MARLUCE – Já vai fazer...

ARIOVALDO – Uma semana. Ela está aqui há uma semana. E semana que vem vai embora.

MARLUCE – Hum, priminho. Assim a moça vai até pensar que você não está satisfeito com a minha presença.

ARIOVALDO – Satisfeitíssimo. Não dá pra notar pela minha cara? Eu quero saber é se você vai ou não cumprir o acordo com aquele nosso primo?

MARLUCE – Hoje não.

ARIOVALDO – Por que que hoje não?

MARLUCE – Legalmente eu não tenho nenhuma obrigação.

ARIOVALDO – Não tem? Quem chegou pri... Quer dizer. Está claro que tem.

MARLUCE – O contrato não previu esse caso. Se você quiser a gente vai pra justiça.

ARIOVALDO – Marluce... (*Notando o espanto de VERA.*) Não liga não, Vera. São problemas de família.

MARLUCE – Se você soubesse como são enrolados.

VERA – Estou vendo.

ARIOVALDO – Marluce, o contrato é claro. Você não tem direito.

MARLUCE – Meu direito é líquido e certo. Qualquer juiz me dá razão.

ARIOVALDO – Marluce, se você não cumprir o contrato aquele nosso primo vai te quebrar os ossos, vai te fazer em pedacinhos.

MARLUCE – E ele é homem pra isso?

ARIOVALDO – Ele é homem pra muito mais. Você que não sabe.

MARLUCE – Não sei mesmo não. Eu ando até desconfiada que ele é bicha.

ARIOVALDO – Marluce!

MARLUCE – (*Para VERA.*) Você não acha que um cara que vive querendo se livrar da mulher tem alguma coisa de esquisito?

VERA – Pode ser.

MARLUCE – Pra mim ele ó (*Faz o trejeito.*) está querendo segurar a bandeja.

ARIOVALDO – (*Espumando.*) Marluce! (*Controlando-se.*) Marluce, nosso primo é um cara a quem você deve respeito. Você toma cuidado.

MARLUCE – E ele por acaso me respeita? Lembra uma amiga que ele arranjou. Uma com cara de carçoço de manga chupado, que ele trouxe pra dentro da minha casa pra debochar de mim? Lembra?

ARIOVALDO – Marluce!

VERA – (*Levantando-se.*) Vocês vão me dar licença um instantinho. Eu vou ao toilete.

MARLUCE – Cuidado que pode ter outra lá, hem! (*Ri. VERA sai.*)

ARIOVALDO – (*Saltando sobre ela e segurando-lhe o pescoço.*) Marluce, não me faz perder a cabeça.

MARLUCE – Olha que eu grito. Eu faço um escândalo.

ARIOVALDO – (*Soltando-a.*) Você vai sair.

MARLUCE – (*Esfregando o pescoço.*) Assassino! Está vendo, já queria me matar outra vez.

ARIOVALDO – Você vai sair.

MARLUCE – Eu não vou sair.

ARIOVALDO – Você fez um acordo e agora tem que cumprir.

MARLUCE – Eu estou cumprindo. Você que está querendo passar por cima dele. Hoje é domingo e eu estava aqui primeiro.

ARIOVALDO – Eu telefonei pra cá. Você tinha que ter atendido. Se não atendeu, perdeu o direito.

MARLUCE – Isso é que não. Eu morro mas não saio. Vê lá se eu vou deixar essa histérica dormir na minha cama?

ARIOVALDO – (*Agarrando-a de novo pelo pescoço.*) Marluce! Eu já estou perdendo a paciência.

MARLUCE – Me larga, se não eu grito. (*Ele larga.*) Você se quiser que vá prum motel na barra. Assassino!

ARIOVALDO – Eu não vou pra motel nenhum. Vou ficar aqui.

MARLUCE – Fica. Mas eu também vou ficar.

ARIOVALDO – Marluce, não cria problema. Você mesma concordou que essas férias eram uma coisa necessária pro nosso relacionamento. Nós fizemos um acordo. Agora deixa de ser maluca, deixa de ser ciumenta, deixa de ser provinciana.

MARLUCE – Eu concordei, mas agora estou discordando. Não sei até que ponto deixar você dormir com essa sirigaita na minha cama é bom pro nosso relacionamento. Tenho muitas dúvidas sobre isso.

ARIOVALDO – Você devia ter pensado nisso antes.

MARLUCE – Antes do quê?

ARIOVALDO – Antes de fazer o acordo. Agora não adianta mais. Já é fato consumado. *(Aponta a porta da rua.)* Vamos, sai!

MARLUCE – Vê lá como fala comigo, hem. Não sou tua empregada não. Aliás que história de empregada era aquela? Você teve a coragem de dizer pra essa bunda mole que eu era tua empregada, é?

ARIOVALDO – Não foi nada disso, Marluce. Não inventa coisa não.

MARLUCE – Eu não estou inventando nada. Eu ouvi ela te perguntar se era eu que era tua empregada.

ARIOVALDO – Marluce, não muda de assunto. O que eu quero saber é se você vai sair ou não vai.

MARLUCE – Não muda de assunto você. Você vai ter que explicar esse negócio de empregada direitinho, porque senão eu vou abrir o jogo agora mesmo. Digo logo qual é a transa toda. Empregada... Desaforo!

ARIOVALDO – Eu tinha que inventar alguma coisa, Marluce. Que que eu ia dizer? Que morava com a minha mulher mas estava em férias conjugais? Quem é que vai entender um negócio desses?

MARLUCE – Nisso você tem razão. Contando, ninguém acredita.

ARIOVALDO – Acreditando ou não acreditando, entendendo ou não entendendo, o caso é que a gente fez um acordo e agora você tem que cumprir. Senão com que cara eu vou ficar?

MARLUCE – Por mim você pode ficar até com cara de veado, que eu não tenho nada com isso. O caso é que eu não vou sair. Fim de papo.

ARIOVALDO – *(Ficando gradativamente vermelho e cada vez com mais ódio.)* Marluce! Marluce! Marluce! *(VERA surge na entrada do corredor. ARIovaldo dá de cara com ela. Agora num tom brando, suplicante.)* Marluce. Não faz isso com seu priminho.

VERA – *(Entrando.)* Que família mais complicada a de vocês, hem.

MARLUCE – Você ainda não viu nada, minha filha. Isso é porque a gente está de férias. Você precisava ver na época de trabalho.

ARIOVALDO – Marluce! *(Para VERA, tentando ser engraçado.)* Não tinha mais nenhuma mulher lá não, não é?

VERA – *(Sentando-se.)* Não. Graças a Deus. *(Tocam a campainha. ARIOVALDO se sobressalta.)*

ARIOVALDO – Mais um, meu Deus! Será possível?

MARLUCE – *(Fazendo menção de levantar-se.)* Eu atendo.

ARIOVALDO – *(Tomando a frente.)* Não. Deixa que eu atendo. *(Abre a porta.)* Ah, é o senhor.

MARLUCE – Quem é?

ARIOVALDO – O porteiro. Que é, seu Francisco?

VOZ – *(Fora. É uma voz fanhosa.)* O doutor Junqueira aí de cima está reclamando do barulho, seu Ariovaldo.

ARIOVALDO – *(Irritado.)* Que barulho? Ninguém está fazendo barulho aqui.

VOZ – *(Fora.)* Ele diz que tá. Mandou dizer que se o senhor não parar com essa bacanal aí, ele chama a polícia.

ARIOVALDO – Bacanal? Esse velho está é maluco. Não tem bacanal nenhum aqui.

VOZ – *(Fora.)* Isso eu não sei, seu Ariovaldo. Estou só cumprindo ordens.

ARIOVALDO – Está bem. Pode ir. *(Faz menção de bater a porta mas no último momento se controla e a fecha suavemente.)* Velho careta. Bacanal... *(Para si mesmo.)* Antes fosse. *(MARLUCE tem um acesso de riso.)* Que que você está rindo? Não vejo graça nenhuma.

MARLUCE – Ai, meu Deus! Isso está parecendo uma comédia de Boulevard.

ARIOVALDO – Culpa tua. Não fosse você nada disso tinha acontecido.

MARLUCE – Culpa minha?

VERA – Ela não tem culpa, Ariovaldo. Foi tudo coincidência.

ARIOVALDO – Coincidência! Coincidência o escambau! *(Batendo com o dedo na cabeça.)* Maluquice! Onde é que já se viu? Bezuntar a cara toda e deitar na banheira igual um cadáver.

MARLUCE – Ué, que que eu posso fazer? Uma priminha em férias tem que se tratar. Senão não arranja ninguém. Aí o priminho zanga.

ARIOVALDO – Chega de papo. Vamos resolver a nossa vida.

VERA – Você não acha melhor a gente sair, ir a algum lugar? Aqui está tão quente.

MARLUCE – Está quente mesmo. Falou bem.

ARIOVALDO – Já estou pensando nisso. Talvez seja mesmo melhor. (*Lançando um olhar raivoso para MARLUCE.*) Senão ainda vai esquentar mais.

VERA – Então vamos. Outro dia eu venho conhecer melhor o teu apartamento.

MARLUCE – Mas vem no dia certo.

VERA – Que?

MARLUCE – Estou dizendo pra não errar o dia. (*VERA a olha sem entender.*)

ARIOVALDO – Besteira dela. Ela é meio (*Bate com o dedo na cabeça.*).

VERA – Hum. Então vamos?

ARIOVALDO – Vamos.

MARLUCE – Onde é que vocês vão?

ARIOVALDO – Não é da tua conta.

MARLUCE – Eu sei. De qualquer forma toma cuidado pra não ser uma conta muito alta.

ARIOVALDO – Gracinha.

VERA – (*Levantando-se e pegando a bolsa.*) Até logo então, Marluce.

MARLUCE – (*Despeitada.*) Até logo.

VERA – Tive muito prazer em te conhecer.

MARLUCE – (*Idem.*) O prazer foi todo meu, querida.

VERA – Espero que você se divirta bastante nessas férias aqui no Rio.

MARLUCE – (*Idem.*) Você nem imagina como eu tenho me divertido.

ARIOVALDO – Bem, vamos embora. (*VERA se dirige para a porta. Entre dentes, para MARLUCE.*) Você ainda me paga. (*Dirige-se para a porta.*)

MARLUCE – Você é que vai me pagar.

ARIOVALDO – (*Abrindo a porta e deixando VERA passar.*) Tchau!

VERA – (*Saindo.*) Tchau!

MARLUCE – Vai, filha da... (*Antes que ARIOVÁLDO feche totalmente a porta.*) Ariovaldo!

ARIOVALDO – (*Parando.*) Que?

MARLUCE – Chega aqui?

ARIOVALDO – Estou com pressa.

MARLUCE – (*Decidida.*) Chega aqui um instante.

ARIOVALDO – Ah, meu saco. (*Para fora.*) Vai chamando o elevador aí que eu já venho. (*Entra e encosta a porta.*) Que é?

MARLUCE – Que que você vai fazer com essa vaca?

ARIOVALDO – Tirar leite dela. Que que você acha?

MARLUCE – Se você sair com essa mulher nunca mais volte aqui.

ARIOVALDO – Nós estamos de férias. Não se esqueça disso. Se você não consegue arranjar ninguém o problema é teu.

VERA – (*Fora.*) O elevador já chegou!

ARIOVALDO – (*Para fora.*) Já vou. (*Para MARLUCE.*) Não cria problema não, tá. Tchau.

MARLUCE – (*Ameaçadora.*) Ariovaldo! Não se atreva.

ARIOVALDO – (*Saindo.*) Depois a gente conversa, Marluce. (*Toca o telefone. Ele pára.*) Se for pra mim diz que eu não estou.

MARLUCE – (*Dirigindo-se ao telefone.*) Eu estou te avisando, Ariovaldo. (*Atende.*) Alô. Ela mesmo. (*ARIOVALDO faz um gesto de alívio e vai saindo.*) Quem está falando? (*Deliciada. Falando bem alto para que ARIOVÁLDO ouça.*) Toninho! Mas que prazer ouvir a tua voz. (*ARIOVALDO abre de novo a porta e dá dois passos para trás. Fica ouvindo.*) Por quê? Ah, é que eu ando com muitas saudades de você. (*Pausa.*) Juro. Tenho pensado muito em você. Você também? Puxa, que ótimo.

VERA – (*Fora.*) Anda, Ariovaldo.

ARIOVALDO – Já vou. (*Não se mexe.*)

MARLUCE – A gente precisa se ver. (*Pausa.*) Não. Não tem problema não. Nós somos um casal avançado. Escuta, por que você não dá um pulinho aqui hoje? Não. Eu não estou fazendo nada. Ariovaldo? Não. Não está não. Ele saiu com uma priminha dele. (*Pausa.*) Pois é. Assim a gente pode recordar os velhos tempos. (*Pausa.*) Isso. Sem ninguém pra atrapalhar.

ARIOVALDO – Marluce! Ele não. Está no contrato.

MARLUCE – Vai ser uma noite inesquecível. Vem agora. *(Pausa.)* Você vem? Tá. Estou te esperando. Um beijo. *(Desliga e olha vitoriosa para ARIovalDO, que está espumando de ódio.)*

VERA – *(Fora.)* Vamos, Ariovaldo.

ARIOVALDO – *(Para fora.)* Um instantinho só. *(Encosta a porta.)* Ele não. Você prometeu.

MARLUCE – De que que você está falando, priminho?

ARIOVALDO – Marluce, não me faz perder a paciência. Esse cara não. Isso está no contrato.

MARLUCE – Iiii, priminho. Não tem nada não. Não lembra do Toninho lá de Sapucaia? Ele sempre ia lá na casa da titia. O priminho deve lembrar.

ARIOVALDO – *(Agarrando-lhe o pescoço.)* Eu hoje ainda te mato, Marluce.

MARLUCE – Me larga, assassino. Senão eu grito. *(Ele larga.)*

ARIOVALDO – Esse cara não põe os pés aqui.

MARLUCE – Você não tem nada a ver com a minha vida. Não se esqueça disso.

ARIOVALDO – Então era por isso que você não queria sair, não é? Já tinha tudo combinado com esse mau caráter. Mas eu não vou permitir. Eu vou ficar aqui.

MARLUCE – Ah, não, meu filho. Agora você vai sair. Nem que seja a força.

ARIOVALDO – Eu não saio. Estou no meu direito.

MARLUCE – O contrato é claro. Férias são férias.

ARIOVALDO – Mas esse cara não podia. Isso está no contrato.

MARLUCE – Não senhor. Isso foi apenas um pedido que você me fez. Eu podia atender ou não.

ARIOVALDO – Não senhora. Era uma cláusula explícita. Qualquer juiz me dá ganho de causa.

MARLUCE – Nada disso. Você tem que sair.

ARIOVALDO – Eu não vou sair. Pronto.

VERA – *(Metendo a cara na porta.)* Ariovaldo! Vamos.

ARIOVALDO – Espera um instantinho lá fora, por favor. Eu tenho que resolver um negócio aqui urgente. *(VERA sai e encosta a porta.)*

MARLUCE – Olhe que ela vai ficar pensando que você é bicha, hem, rapaz.

ARIOVALDO – Marluce!

MARLUCE – É isso mesmo. (*Aponta a porta.*) Pode sair. Daqui a pouco o Toninho está aí e eu não quero complicação não.

ARIOVALDO – (*Fazendo menção de partir para cima dela, cheio de ódio, mas se controlando.*) Está bem. É assim, não é?

MARLUCE – Assim mesmo.

ARIOVALDO – Assim mesmo?

MARLUCE – Assim mesmo.

ARIOVALDO – Vale tudo, não é?

MARLUCE – Vale tudo.

ARIOVALDO – Vale tudo?

MARLUCE – Vale tudo.

ARIOVALDO – Então está bem. Você vai ver. (*Dirige-se para a porta.*) Você vai ver.

MARLUCE – Quero ver mesmo. (*Ele sai e bate a porta com violência. MARLUCE põe a mão na cabeça.*) Vai. Nós vamos ver. (*Ouvem-se batidas no andar de cima. Levantando os olhos e fazendo um gesto com a mão fechada.*) E você também pode ir praquele lugar.

## SEGUNDO ATO – CENA IV

ARIOVALDO, VERA, TONINHO, MARLUCE, CONSTÂNCIA.

*A cena está vazia. Ouve-se rodar a chave na fechadura da porta da esquerda e logo ARIOVÁLDO a abre. Na parte externa da porta, há um bilhete colado com fita durex. ARIOVÁLDO o pega e entra, seguido de VERA.*

ARIOVALDO – *(Lendo, enquanto VERA fecha a porta.)* Dico. *(Repete entre dentes.)* Dico... Fui aqui perto comprar umas coisinhas pra gente comer e beber, pois a geladeira está vazia. Volto logo. Me espere. Um beijo. Marluce. *(Amassando o bilhete, com ódio.)* Um beijo... Dico...

VERA – Dico é teu apelido?

ARIOVALDO – Que meu apelido. Então eu vou ter um apelido desses?

VERA – Então quem é?

ARIOVALDO – Um safadinho aí. Quer dizer. Um amiguinho dela.

VERA – Hum.

ARIOVALDO – *(Para si mesmo, furioso.)* Comprar umas coisinhas. Eu vou dar a ela umas coisinhas.

VERA – Que que você falou?

ARIOVALDO – *(Sentando-se, carrancudo.)* Nada.

VERA – Você está tão esquisito. Que que foi?

ARIOVALDO – Nada, já disse. Uns probleminhas aí.

VERA – *(Sentando-se.)* Eu confesso que não estou entendendo mais nada. Primeiro você insistiu pra gente vir praqui, porque aqui era melhor, a gente podia ficar sozinho e sei lá mais o quê. Chegamos aqui e encontramos a tua prima. Aí você achou melhor a gente sair e ir pra outro lugar. Mal a gente saiu e você cismou de voltar praqui de novo. Afinal, qual é a tua, hem?

ARIOVALDO – Eu já te expliquei. Minha prima sofre dos nervos. Eu estou preocupado com ela. E depois eu gosto de ficar em casa, receber as pessoas aqui na minha casa. Tem tudo aqui, pra que ir noutra lugar? É desagradável. Onde é que a gente ia? Pra barra? Coisa cafona.

VERA – Mas e tua prima? Vamos ficar os três?

ARIOVALDO – Pois é. Ela que está atrapalhando nosso programa.

VERA – Se ela sofre dos nervos, que que a gente pode fazer? Problema dela. Por mim a gente não tinha voltado.

ARIOVALDO – Eu vou dar um jeito nisso agora.

VERA – Que que você vai fazer? Botar ela pra fora? Dar um calmante?

ARIOVALDO – Não sei ainda. Sei que vou resolver essa questão de uma vez por todas.

VERA – Você que sabe. Pelo que entendi, ela está esperando um amigo e não está com a mínima disposição de sair de casa. Senão, não ia lá embaixo comprar coisas pra comer.

ARIOVALDO – Deixa que eu resolvo isso. Eu sei o que estou fazendo.

VERA – Está bem. (*Silêncio.*) Será que ainda tem uísque aí?

ARIOVALDO – Vê lá na cozinha. Se tiver, traz pra mim também.

VERA – (*Levantando-se e saindo pelo corredor para a esquerda.*) Eu vou ver. (*Sai.*)

ARIOVALDO – (*Para si mesmo, fazendo gestos ameaçadores, arremedando.*) Comprar umas coisinhas. Dico... Dico. Me espere. Um beijo. (*Socando a perna e levantando-se, decidido.*) Deixa ele chegar pra ver. Se olhar pra mim de mau jeito, eu enfio o braço nele. (*Entra VERA com dois copos na mão.*) Que que ele está pensando que eu sou?

VERA – (*Estranhando.*) Eu, hem! Tá falando sozinho?

ARIOVALDO – (*Embaraçado.*) Hem? Não. Estou querendo lembrar a letra de uma música.

VERA – (*Sentando-se e dando um copo para ele.*) Qual? Fala que eu sei. Letra de música é comigo.

ARIOVALDO – Se eu estou querendo me lembrar é porque esqueci. Se esqueci como é que vou te dizer? Se eu pudesse te dizer não estava querendo me lembrar.

VERA – Iiii! Acho que você está muito nervoso, hem.

ARIOVALDO – Desculpe. Eu estou um pouco tenso. É essa minha prima. Eu sabia que as férias dela iam acabar dando problema.

VERA – Não estou dizendo? Se a gente fosse pra outro lugar era muito melhor.

ARIOVALDO – Não. Eu tenho que resolver isso de uma vez por todas.

VERA – Então pelo menos se acalma. Senta um pouco e relaxa. (*Ele senta.*) Quer que eu te faça uma massagem? Eu sou craque nisso. (*Ele não responde. Ela levanta-se, coloca-se por trás dele e massageia-lhe o pescoço. Ele gira a cabeça, satisfeito.*) Não é legal? Eu sempre faço isso no meu... (*Cala-se.*)

ARIOVALDO – (*De olhos fechados.*) Que?

VERA – Nada. Bobagem.

ARIOVALDO – Você disse que sempre fazia isso em alguém.

VERA – Em alguém? É. No meu pai.

ARIOVALDO – Você mora com ele?

VERA – Não. Quando ele era vivo.

ARIOVALDO – Hum. *(Toca o telefone. ARIovaldo dá um pulo.)* Deve ser ele.

VERA – Quem?

ARIOVALDO – *(Indo atender.)* Um cara aí. *(Atende.)* Alô. Escuta aqui ô... *(Pausa.)* Hem? É. Ele mesmo. Que? Irmão da dona Zezé? Que dona Zezé, minha senhora? Minha cliente? *(Lembrando.)* Ah, a dona Zezé. Sei. Que que ela tem? Hum. Sei. Agora? Mas logo agora? Não dá pra esperar até amanhã? *(Preocupado.)* Grave, é? A senhora acha? Mas é que agora eu não estou podendo mesmo. *(Pausa.)* Que? *(Pausa.)* Mas minha senhora, eu estou muito ocupado agora. Hum. Hum. Vai me denunciar? Mas minha senhora, compreenda... Que? No jornal? Não. Não é preciso. Eu vou. Eu vou. Daqui a pouco estou aí. *(Bate o telefone.)* Só faltava essa. *(Erguendo os braços para o céu.)* Eu só tenho uma cliente. E a filha da puta tinha que ter uma crise justamente agora.

VERA – Que que foi?

ARIOVALDO – Eu ando com azar mesmo. Tenho que sair. Uma cliente minha está passando mal.

VERA – Mas sair logo agora, Ariovaldo?

ARIOVALDO – Pra você ver a urucubaca que me bateu.

VERA – Você não pode mandar o teu assistente?

ARIOVALDO – Que assistente?

VERA – Não vai me dizer que você não tem assistente? Que diabo de médico você é?

ARIOVALDO – Claro que tenho, mulher. Mas o negócio é que essa é minha única cliente. Quer dizer. A única que é um caso grave no momento. Eu tenho que ir pessoalmente. Uma questão de ética profissional.

VERA – Então eu vou embora também.

ARIOVALDO – Não. Você fica. Você me espera aqui.

VERA – Ficar aqui sozinha?

ARIOVALDO – Que que tem? Eu volto logo. *(Sai pelo corredor, pela direita.)*

VERA – Ah, meu Deus! Onde é que eu fui me meter?

ARIOVALDO – *(Voltando com uma maleta de médico.)* Eu não demoro nada.

VERA – E quando a tua prima chegar?

ARIOVALDO – Que que tem? Ela não morde não.

VERA – Não, Ariovaldo. Eu vou embora.

ARIOVALDO – Mas o que é isso, menina? Não vamos estragar nosso programa por causa disso.

VERA – (*Irônica.*) Está tão divertido, não é. Realmente não vale a pena.

ARIOVALDO – Olha, senta aí. Toma mais um uisquinho que daqui a quinze minutos eu estou aí. Faz isso. Você não vai se arrepender.

VERA – Isso é que eu tenho dúvidas.

ARIOVALDO – E me faz um favor. Se a minha prima for sair com o amigo dela antes de eu chegar, você não deixa. Diz que eu preciso muito falar com ele. Pra eles esperarem um pouquinho. O negócio dos nervos, você sabe. É bom alertar ele.

VERA – Você me arranja cada uma, Ariovaldo.

ARIOVALDO – Só esse favorzinho. Eu não demoro, juro.

VERA – Está bem, vai.

ARIOVALDO – (*Abrindo a porta.*) Mas segura eles. Não deixa sair. Pelo amor de Deus!

VERA – Está bem. Vai sossegado.

ARIOVALDO – (*Saindo.*) Tchau! (*Fecha a porta.*)

VERA – (*Refastelando-se e esticando as pernas.*) Programão! Isso é o que se pode chamar de um domingo maldito. (*Após alguns momentos, tocam a campainha. VERA se levanta e dirige-se para a porta.*) Voltou, esse maluco? (*Abre a porta e toma um susto. Gaguejante, visivelmente embaraçada.*) Hem? Toninho? Você por aqui?

TONINHO – (*Surgindo na porta, igualmente embaraçado.*) Vera! Que que você está fazendo aqui? Será que eu me enganei, meu Deus? (*Olha o número do apartamento na porta.*) Não é aqui que mora a Marluce?

VERA – É. Você conhece ela?

TONINHO – Conheço.

VERA – (*Num jato.*) Ela é muito minha amiga, sabe. Eu estou fazendo uma visitinha a ela. É isso. Imagina te encontrar aqui.

TONINHO – Pois é. Coincidência, não é. E eu sou muito amigo do Aristides...

VERA – Quem?

TONINHO – Quer dizer, do Ari... Do Ariovaldo. É. Nós somos amigos há muito tempo. Você conhece ele?

VERA – Conheço.

TONINHO – Pois é. Eu ia passando, resolvi dar uma subidinha.

VERA – Ele desceu agorinha mesmo. Você não encontrou com ele?

TONINHO – Não. Engraçado, não encontrei. Ele deve ter descido num elevador e eu subido no outro. *(Sorri.)* Deve ter sido isso.

VERA – Mas entra. *(Ele entra. Ela fecha a porta.)* A Marluce foi aqui embaixo fazer umas compras. *(Silêncio. Os dois não sabem o que fazer. Estão embaraçados e aflitos.)* Eu estava me sentindo um pouco mal, sabe. Aí vim aqui, ver se o doutor Ariovaldo me receita alguma coisa. Ele é muito bom médico.

TONINHO – O Valdinho? Claro. Excelente. *(Silêncio.)*

VERA – Senta um pouco. Ele disse que não ia demorar.

TONINHO – É. Não sei se vai dar pra eu esperar. *(Senta. Silêncio.)*

VERA – Eu também já estava de saída. *(Silêncio.)* E a Rita, como vai?

TONINHO – Rita? Está bem. Está muito bem. Ainda outro dia a gente estava falando em você.

VERA – É. E cadê ela? Ficou em casa?

TONINHO – Não. Foi passar uns dias fora, sabe. Em Sapucaia.

VERA – Ah, em Sapucaia, é?

TONINHO – É. Eu não pude ir. Tinha uns negócios pra resolver aqui.

VERA – Sei. *(Silêncio.)*

TONINHO – Esse mundo é pequeno mesmo, não é? Imagina, encontrar uma amiga da minha mulher aqui. Quem diria?

VERA – Pois é. E eu encontrar um amigo do meu marido. Muita coincidência, não é?

TONINHO – Muita. Falando nisso, cadê o Tenório?

VERA – Tenório? Está viajando. Também foi pra Sapucaia. Mais coincidência, não é?

TONINHO – É.

VERA – Ele tem aquela fazenda lá. Todo mês tem que ir. Uma chatice. Eu fico aqui sozinha. Aí o jeito é visitar as amigas.

TONINHO – Uma forma de passar o tempo.

VERA – É. (*Silêncio.*) Marluce também é de Sapucaia, não é?

TONINHO – É.

VERA – Vocês então se conhecem de lá?

TONINHO – Conhecemos. Mas nunca tivemos assim... Intimidade nenhuma, sabe.

VERA – Hum. (*Silêncio.*) Bem, acho que eu já vou indo.

TONINHO – Já vai?

VERA – Vou. A Marluce está demorando e... E eu já falei com o doutor Ariovaldo. Quer dizer que eu acho melhor ir indo, sabe.

TONINHO – O Ariovaldo foi aonde, que você disse?

VERA – Foi atender uma cliente. Mas disse que volta logo.

TONINHO – Volta logo, é? Mas acho que eu também não vou esperar não. Estou achando melhor puxar meu carro também.

VERA – (*Indo em direção à porta.*) Bem, eu vou indo. Estou com muita pressa. Dá lembranças à Rita.

TONINHO – Eu também vou.

VERA – Mas eu vou indo na frente. Até logo. (*Abre a porta e dá de cara com MARLUCE que vem entrando com dois pacotes de compras na mão. As duas se assustam. Disfarçando.*) Você já voltou, querida?

MARLUCE – (*Intrigada.*) Que que você acha?

VERA – Que bom.

MARLUCE – (*Notando TONINHO, que está duro, olhando para o outro lado e indo em direção a ele, sem dar atenção a VERA que a acompanha pressurosa. Toda animada.*) Toninho! Como é que vai você, cara?

TONINHO – (*Estendendo-lhe a mão, formal, seco, frio.*) Como vai, Marluce?

MARLUCE – (*Sem entender.*) Eu estou bem.

TONINHO – É um prazer revê-la.

MARLUCE – (*Invocada.*) Você está se sentindo bem?

TONINHO – Muito bem, graças a Deus.

MARLUCE – (*Idem.*) Algum problema?

TONINHO – Não. Tudo na mais perfeita ordem. (*MARLUCE fica olhando para ele sem entender.*)

VERA – Você quer que eu te ajude, querida? (*Toma-lhe um dos pacotes.*)

MARLUCE – Deixa que...

VERA – (*Cortando.*) Você comprou muita coisa?

MARLUCE – Escuta...

VERA – (*Idem.*) Estava muito cheia a padaria? Domingo assim é horrível, não é? Parece que todo mundo resolve ir à padaria. (*Puxando-a pelo braço.*) Vem, vamos lá pra cozinha arrumar as coisas.

MARLUCE – (*Soltando-se.*) Espera. Que que está acontecendo aqui, hem? Cadê Ariovaldo?

VERA – O doutor Ariovaldo foi atender uma cliente. Imagine, um caso gravíssimo. Ele disse que é o caso mais grave que ele tem.

MARLUCE – Isso eu não duvido. Só tem um.

VERA – Tanto que nem pôde mandar o assistente. Teve que ir ele pessoalmente.

MARLUCE – Assistente?

VERA – Mas ele disse que não ia demorar nada.

TONINHO – Foi por isso que eu resolvi ficar. Que que o Valdinho não ia pensar se eu não esperasse ele?

MARLUCE – (*Olhando para um e para outro.*) Será que eu estou ficando maluca?

VERA – (*Puxando-a de novo pelo braço.*) Vem, querida. Vamos arrumar as coisas. Assim quando o doutor Ariovaldo chegar está tudo prontinho. (*Ela se deixa arrastar, perplexa e as duas saem pelo corredor, pela esquerda.*)

TONINHO – Eu vou puxar duma vez, antes que isso dê a maior merda.

MARLUCE – (*Entrando, decidida, para VERA que a segue.*) Mas quer fazer o favor de desgrudar! Não vê que eu quero ficar com o meu amigo?

TONINHO – Marluce, eu estava mesmo me preparando pra sair. Você por favor me desculpa com o Ariovaldo, mas eu não vou esperar por ele.

MARLUCE – (*Atônita.*) Te desculpar com o Ariovaldo?

TONINHO – Eu estou um pouco cansado hoje.

MARLUCE – Você está dizendo que veio aqui pra ver o Ariovaldo?

TONINHO – Quem mais podia ser?

MARLUCE – Toninho, quando eu te conheci você não era disso não. Será possível que até você!

TONINHO – A vida dá muitas voltas, Marluce.

MARLUCE – Mas volta pra trás, Toninho! Que que há?

TONINHO – Cada um se vira pra onde pode, Marluce. *(Estende-lhe a mão.)* Bem, então...

MARLUCE – *(Olhando desconfiada para VERA.)* Ou será que você também está a fim...

VERA – *(Cortando.)* Querida, eu esqueci de te contar.

TONINHO – *(Ao mesmo tempo que VERA.)* Ah! É isso.

MARLUCE – *(Assustada.)* Que que foi, meu Deus?

TONINHO – Agora me lembrei. *(Dá uma gargalhada.)*

MARLUCE – Lembrou o quê?

TONINHO – Isso mesmo. O Ariovaldo me contou o caso dessa cliente dele. *(Ri.)* O Valdinho é uma bola.

MARLUCE – *(Perplexa.)* Valdinho...

VERA – O doutor Ariovaldo é tão engraçado, não é.

MARLUCE – *(Idem.)* Doutor Ariovaldo...

TONINHO – Muito. Eu gosto muito dele.

VERA – Ele é muito competente. Imagina que eu estava com umas dores aqui. *(Indica a barriga.)* Eu te contei isso, querida?

MARLUCE – *(Idem.)* Querida...

VERA – E ele na mesma hora diagnosticou. Me mandou tomar vitamina C.

MARLUCE – Vitamina C. Acho melhor eu ligar pro meu analista.

TONINHO – Valdinho é o melhor clínico que eu já conheci.

VERA – Eu também acho.

TONINHO – *(Estendendo novamente a mão a MARLUCE.)* Bem, Marluce. Infelizmente eu tenho de me retirar.

MARLUCE – Que se retirar o cacete. Senta aí que eu quero falar com você.

TONINHO – *(Confuso.)* Mas Marluce. É sério. *(Consulta o relógio.)* Eu tenho um compromisso agora. Eu sei que o Valdinho vai ficar zangado mas depois eu ligo pra ele e explico tudo.

MARLUCE – Não, senhor. Se você vai explicar alguma coisa é a mim. E agora. Porque alguém aqui está pirado. E não sou eu não. Disso eu tenho certeza. Pelo menos tinha, até entrar aqui.

VERA – Acho que você está um pouco nervosa, querida. *(Puxando-a.)* Vem. Vamos fazer uns canapezinhos. Se ele disse que tem que ir embora...

MARLUCE – Canapezinho? Até canapezinho você vai querer fazer na minha casa, é? Já não te basta o Ariovaldo?

VERA – *(Aflita, abraçando MARLUCE e a puxando em direção ao interior. Para TONINHO.)* Ela sofre dos nervos, sabe. Não repara não. Está um pouco confusa.

MARLUCE – Quem sofre dos nervos?

TONINHO – Eu sei. Ontem mesmo o Valdinho estava me falando sobre isso.

MARLUCE – *(Boquiaberta, sacudindo a cabeça como para acordar.)* O Ariovaldo te falou isso? Você esteve com ele ontem?

TONINHO – *(Dando uma risada.)* Claro, Marluce. Quase todo dia eu encontro com ele. Então você não sabe disso?

MARLUCE – Você encontra com o Ariovaldo quase todo dia?

TONINHO – Quando não é todo dia. *(Ri.)* Que que tem demais? Somos amigos há tanto tempo.

MARLUCE – Amigos há tanto tempo... *(Soltando-se de VERA e dirigindo-se como um autômato para o telefone.)* É melhor eu ligar pro meu analista. *(Pega o telefone e começa a discar.)*

VERA – *(Em tom de cochicho. Para TONINHO.)* Pode ir. Eu fico com ela.

TONINHO – Tchau então. *(Dirige-se para a porta mas antes de chegar lá, ela se abre e entra ARIovaldo. Os dois dão de cara. Após alguns segundos de hesitação, TONINHO abre os braços e enlaça ARIovaldo.)*

TONINHO – Ariovaldo! Mas que ótimo que você chegou. Eu já ia até embora. *(ARIovaldo deixa-se abraçar, perplexo, olhando para as pessoas sem entender. MARLUCE continua no telefone, alheia a tudo.)* Como é que está você, cara?

ARIovaldo – *(Afastando-o, invocado.)* Eu estou muito bem. Por quê?

TONINHO – Estava com saudades de você, cara.

ARIOVALDO – Está me gozando, é?

TONINHO – (*Rindo.*) É uma bola esse Valdinho.

ARIOVALDO – Valdinho? (*Dirigindo-se para MARLUCE, que continua com o telefone no ouvido, olhos parados.*) Marluce, olha o que eu te avisei. Gozação também não.

MARLUCE – (*Botando o fone no gancho, sem olhar para ele.*) Não está.

ARIOVALDO – Quem?

MARLUCE – Ninguém atende.

ARIOVALDO – Quem não atende?

MARLUCE – Até o doutor Valério me abandonou. (*Senta-se numa poltrona e fica de olhos vidrados.*)

ARIOVALDO – Doutor Valério? Pra que você está telefonando pro analista? (*Ela não responde. Para VERA.*) Que que está acontecendo?

VERA – Acho que ela está um pouco nervosa, doutor Ariovaldo.

ARIOVALDO – Doutor Ariovaldo? Que que te deu também?

VERA – (*Aflita.*) Arranja um calmante pra ela. Olha como ela está pálida.

ARIOVALDO – (*Olhando-a mais de perto.*) Está esquisita mesmo. (*Voltando-se para TONINHO.*) Que que você fez com ela, hem, ô cara?

TONINHO – Nada, Valdinho. Que que eu podia fazer? Quando eu cheguei aqui ela já estava assim.

ARIOVALDO – E pára com esse negócio de Valdinho, pô. Que que há?

TONINHO – (*Rindo.*) É um piadista. Isso não é nada, Valdinho. Deve ser o calor.

ARIOVALDO – Que que aconteceu aí, Vera? Diz você.

VERA – Nada, doutor. De repente ela ficou assim. Não sei que que deu nela. Devem ser os nervos.

ARIOVALDO – Que nervos? Ela nunca sofreu dos nervos.

VERA – Não? Mas você não disse...

ARIOVALDO – Quer dizer. De vez em quando tem uns faniquitos. Mas não é nada grave. Isso foi alguma coisa que esse cara aprontou.

TONINHO – Eu, Valdinho?

ARIOVALDO – E pára com esse negócio de Valdinho, pô.

TONINHO – (*Puxando-o para o interior.*) Acho que você também está um pouco nervoso, Ariovaldo. Vem. Vamos tomar um uisquinho que acalma.

ARIOVALDO – (*Afastando-o.*) Eu não estou nervoso coisa nenhuma. E tira a mão de mim. Marluce, quer me explicar o que que está acontecendo aqui, que eu não estou entendendo mais nada.

VERA – (*Para TONINHO.*) Acho que você está certo. Ele também está um pouco nervoso. Deve ter sido a cliente dele. (*Põe a mão no rosto.*) Não me diga que ela morreu?

ARIOVALDO – Morreu? Quem?

VERA – A sua cliente.

ARIOVALDO – Morreu? Quem disse? Ligaram pra cá?

VERA – Não. Ninguém ligou. Mas o senhor não está chegando de lá agora?

ARIOVALDO – Estou. Mas ela não tinha nada. Tudo fita. Quem disse que ela morreu?

VERA – Não sei. Você que está nervoso desse jeito. Eu pensei.

ARIOVALDO – Ninguém morreu não, mulher. Não azara mais a minha vida não, pelo amor de Deus.

TONINHO – (*Indicando MARLUCE.*) Escuta, não é melhor dar alguma coisa pra ela? Acho que ela não está bem mesmo não.

VERA – (*Puxando MARLUCE para o interior.*) Vem, querida. Eu vou botar um pouco de água gelada na sua testa. (*Para TONINHO.*) Você não estava de saída?

TONINHO – (*Aproveitando a deixa e dirigindo-se para a porta.*) É verdade. Já estou atrasado. Até logo pra vocês. (*Abre a porta.*)

ARIOVALDO – Espera aí, ô cara. Agora você vai ficar pra me explicar esse negócio direitinho. (*TONINHO fica parado olhando para ele assustado. MARLUCE e VERA saem pelo corredor pela esquerda. ARIovaldo vai até a porta e a bate com violência.*) Que que você fez com a Marluce? (*Ouvem-se as batidas no andar de cima.*)

TONINHO – (*Apontando o teto.*) Estão batendo aí. (*Tenta abrir a porta de novo mas ARIovaldo impede.*)

ARIOVALDO – É o velhinho. Agora explica.

TONINHO – Mas eu não tenho nada pra explicar, Ariovaldo. Quando eu cheguei aqui ela já estava assim.

ARIOVALDO – Não estava não. Estava muito bem.

TONINHO – Então foi alguma coisa que a amiga dela fez.

ARIOVALDO – Que amiga? Não tem amiga nenhuma.

TONINHO – Essa moça aí. A Vera.

ARIOVALDO – Vera nunca foi amiga dela. Pelo contrário.

TONINHO – Bem. Então eu também não estou entendendo mais nada, porque elas estavam aí na maior intimidade.

ARIOVALDO – Intimidade? A Vera com a Marluce?

VERA – *(Entrando.)* Doutor Ariovaldo, o senhor não acha melhor dar um comprimido pra Lucinha?

ARIOVALDO – *(Perplexo.)* Lucinha... Doutor Ariovaldo... *(Sacudindo a cabeça.)* Escuta aqui, desde quando você é amiga da Marluce?

VERA – Iiii, doutor Ariovaldo, há quanto tempo. Me admiro o senhor fazer uma pergunta dessas.

TONINHO – Não estou te dizendo, Valdinho?

ARIOVALDO – *(Depois de olhar boquiaberto para um e para outro várias vezes.)* Acho melhor eu ligar praquele psicanalista também. *(Dirige-se como um autômato para o telefone mas antes de chegar lá, ele começa a tocar. ARIOVALDO atende como se não desse pela coisa.)* Alô. Eu quero falar com o psicanalista da minha mulher. Que? Está com o olho desse tamanho? E que que eu tenho com isso? Eu quero marcar uma consulta. Quem? Meu pai? Não, é pra mim mesmo. Que? Papai? Que que o senhor está fazendo na linha? Foi o senhor que ligou pra cá? Tá com o olho todo inchado? O remédio que eu mandei? *(Dando-se conta.)* Como? Que que o senhor está falando aí? O senhor passou e começou a arder e a inchar? Não é possível.

TONINHO – *(Fazendo menção de abrir a porta.)* Bem, eu já vou indo. Tchau, Vera.

ARIOVALDO – *(Para TONINHO.)* Não se atreva. Larga essa porta. *(Para o telefone.)* Não, papai. Não é com o senhor que eu estou falando. Como é o nome da pomada que o senhor pôs? Que? *(Desesperado.)* Mas não era essa, papai! Essa é pra hemorróida! Ah, meu Deus do Céu. Que? *(Pausa.)* Não, não vai ficar cego não. Faz uma coisa. Não põe mais nada. Assim que eu puder eu vou aí. *(Bate o telefone. Levanta os braços para o Céu.)* Que mal eu fiz a Deus! *(Para VERA e TONINHO.)* E vocês, que que estão olhando pra mim com essa cara?

VERA – O comprimido, doutor.

TONINHO – Eu já estou de saída Valdinho.

ARIOVALDO – Doutor... Valdinho! Ou eu estou ficando maluco ou estão me fazendo de palhaço. Cadê a Marluce? *(Dirigindo-se para o interior.)* Vou acabar com esse faniquito dela duma vez e vamos pôr esse negócio em pratos limpos. *(TONINHO e VERA se olham, envergonhados e apreensivos.)*

MARLUCE – *(Surgindo na entrada do corredor, chorando, apontando para ARIOVALDO.)* Você que é o culpado de tudo.

ARIOVALDO – Eu?

MARLUCE – O meu analista tinha dito que daqui a alguns meses eu ia ter alta. *(Abrindo o berreiro.)* Agora minha cuca fundiu de vez. *(Senta-se numa poltrona e fica chorando.)*

VERA – Coitadinha.

MARLUCE – Ninguém gosta de mim.

TONINHO – *(Penalizado, aproximando-se dela.)* Marluce, tem alguma coisa que eu possa fazer por você?

MARLUCE – *(Sem tirar a mão do rosto e continuando a chorar.)* Tem. Vai a puta que o pariu.

TONINHO – *(Sem jeito, passando a mão na cabeça dela.)* Ela está um pouco nervosa mesmo.

ARIOVALDO – Tira a mão dela. Você que é o culpado de tudo.

TONINHO – Eu, Ariovaldo? Eu só vim aqui pra te ver.

ARIOVALDO – Pra me ver?

TONINHO – Claro. Eu gosto tanto de você.

ARIOVALDO – *(Para MARLUCE.)* Ainda por cima é bicha. Não te disse, Marluce? *(Para TONINHO.)* Escuta aqui, ô cara. Há muito tempo que eu estou pra ter uma conversinha com você. *(Tocam a campainha. ARIOVALDO faz um gesto de ódio e dirige-se para a porta.)* Deve ser o porteiro outra vez. Mas agora eu engrosso. Já estou cheio desse velho aí de cima. *(Abre a porta e vai logo falando.)* Pode dizer a esse filho da puta... *(Dá de cara com CONSTÂNCIA que vai entrando cheia de embrulhos, inclusive um saco que estoura e espalha laranjas por todo o palco.)*

CONSTÂNCIA – *(Entrando e olhando-o com severidade.)* Sempre grosseiro!

MARLUCE – Mamãe! *(Ao vê-la, TONINHO imediatamente se abaixa e finge apanhar as laranjas no chão, escondendo-se dela.)*

CONSTÂNCIA – *(Dirigindo-se para MARLUCE.)* Ô, filhinha!

MARLUCE – Que que você está fazendo aqui, mamãe? *(ARIOVALDO está paralisado, segurando a porta.)*

CONSTÂNCIA – Estou acabando de chegar de Sapucaia, minha filha. Fiz uma viagem horrorosa. E ainda por cima perdi a chave de casa. O jeito foi vir praqui.

ARIOVALDO – *(Desesperado, fechando a porta.)* E tinha que ser hoje!

CONSTÂNCIA – *(Notando a presença de VERA.)* Ah, você está com visitas? *(Coloca os pacotes em algum lugar, ajudada por MARLUCE.)* Muito prazer, minha filha. *(Estende a mão para VERA.)* Eu sou a mãe da Marluce. *(Senta-se. Para VERA.)* Mas senta, minha filha. Não se incomoda comigo não. *(VERA se senta. Para MARLUCE.)* Iii, minha filha. Tenho tanta coisa pra te contar. *(Mostrando os pacotes.)* Olha, trouxe doce pra vocês e laranjas. Mas as laranjas, o grosseiro do seu marido já fez tudo cair no chão. Depois vocês pegam. *(Dando-se conta.)* Mas não tinha um rapaz aqui também? Tinha sim. *(Olha pros lados. TONINHO vai agachado em direção ao corredor.)* Eu, hem! *(Apontando.)* Ali ele. *(Levanta-se.)* Mas não é o Toninho? *(Espalhafatosa.)* Toninho! *(TONINHO se levanta, muito sem jeito, com algumas laranjas na mão.)*

TONINHO – *(Embaraçado.)* Eu estava catando as laranjas.

CONSTÂNCIA – Mas que bom te ver outra vez.

TONINHO – Como vai, dona Constância?

CONSTÂNCIA – *(Indo em direção a ele.)* Mas dá aqui um abraço. *(Ele não sabe o que fazer com as laranjas e acaba largando-as no chão. CONSTÂNCIA o abraça.)* Que saudades! Aliás, sempre que venho visitar a Marluce *(Olhando para ARIOVALDO.)* eu sinto saudades de você. *(ARIOVALDO lança-lhe um olhar enfezado.)*

TONINHO – A senhora, como tem passado?

CONSTÂNCIA – Muito mal, meu filho. Muito mal. A gente quando fica velha, ó, não vale mais nada. Os filhos casam e nem querem mais saber da gente. E se a gente vai visitar, ainda é maltratada.

ARIOVALDO – Dona Constância, a senhora está chegando de viagem, não quer ir lá dentro se lavar?

CONSTÂNCIA – Que que você está querendo dizer, que eu estou suja, malcheirosa, é?

ARIOVALDO – Estou dizendo que as pessoas quando chegam de viagem, normalmente querem ir ao banheiro.

CONSTÂNCIA – Eu sou muito limpa, fique o senhor sabendo. Toda vez que o ônibus pára eu me lavo e faço minhas necessidades, pra depois não fazer vergonha, igual uma vez eu vi. Estava o ônibus indo pela estrada, quando de repente alguém começa a gritar lá de trás: pára! Pára! Foi o ônibus parar e saiu um rapaz lá do fundo em disparada, já soltando aquele mau cheiro. No caminho ainda passou a mão no jornal que uma senhora estava lendo. A pobre da senhora quase teve um ataque de susto. E aquela gatinha toda morrendo de rir. Gente mais sem modos, cruz!

MARLUCE – Mamãe, por favor.

CONSTÂNCIA – É isso mesmo. Eu sei muito bem quando eu preciso ir ao banheiro. Pelo menos isso não precisa ninguém me dizer.

MARLUCE – Mamãe!

CONSTÂNCIA – Eu estou aqui conversando com meu ex-futuro genro, vem ele com coisa antipática! (*Para TONINHO.*) Mas Toninho, eu soube.

TONINHO – (*Apavorado.*) Soube o quê, dona Constância?

CONSTÂNCIA – Eu soube. Me contaram lá em Sapucaia. Então você casou!

MARLUCE – (*Botando a mão na cintura e olhando para ele.*) Aaaaah! Então era isso!

TONINHO – (*Sem graça.*) Pois é, Marluce.

CONSTÂNCIA – (*Num sobressalto, voltando-se para VERA.*) E nem precisa me dizer. Essa moça é a sua esposa. (*Abre os braços e dirige-se para ela.*)

TONINHO – (*Atônito.*) Não, dona Constância...

CONSTÂNCIA – (*Sem ouvi-lo, abraçando-a.*) Mas ela é muito bonitinha.

VERA – (*Tímida.*) Não é bem isso...

CONSTÂNCIA – (*Idem, afastando-a e olhando-a.*) Mas que gracinha! (*Dando dois tapinhas no rosto dela e voltando-se para TONINHO.*) Tão graciosa, Toninho.

TONINHO – A senhora não entendeu bem, Dona Constância. (*ARIOVALDO tem uma cara divertida.*)

CONSTÂNCIA – Não entendi? Entendi sim, meu filho. Eu sei que não foi você que quis romper o noivado com a minha filha. Isso pra mim é coisa do passado. (*Indicando ARIOVALDO.*) Se meu destino era ter esse genro, não havia nada que se pudesse fazer. Isso foi algum mal que eu fiz na outra encarnação.

ARIOVALDO – Ele está dizendo que a senhora não entendeu que essa não é a mulher dele, dona Constância.

CONSTÂNCIA – Como não é? É sim. Pois ela é tão simpática, tão mimosa.

ARIOVALDO – Então a senhora tenta convencer a ele.

VERA – Não sou não senhora.

TONINHO – Não é não, dona Constância.

CONSTÂNCIA – Iiii, meu Deus! Que rata que eu dei. Deixa eu ficar quieta, que em boca fechada não entra poeira nem sai besteira. (*Senta-se.*)

VERA – Não tem nada não, dona Constância. Essa vida é cheia de mal-entendidos. Quantas vezes não se confunde uma esposa com uma prima. (*ARIOVALDO disfarça.*)

MARLUCE – (*Após alguns momentos de silêncio.*) Bem... Alguém quer beber alguma coisa?

CONSTÂNCIA – Eu aceito um copo d'água. Estou morta de sede.

TONINHO – A senhora vai me desculpar, mas eu já estava mesmo de saída.

CONSTÂNCIA – Que nada, Toninho. Senta aí pra gente conversar. Oferece um cafezinho pra eles, Marluce.

MARLUCE – Vocês querem um cafezinho?

CONSTÂNCIA – Claro que querem. Vai, põe a água no fogo. Senta aqui, Toninho. *(Ele hesita.)* Senta. *(Ele senta. ARIOVALDO também vem sentar-se.)*

TONINHO – A senhora então esteve em Sapucaia? *(MARLUCE sai pelo corredor para a esquerda.)*

CONSTÂNCIA – Pois é, meu filho. Fazia seis anos que eu não ia naquela terra.

TONINHO – Que coisa, hem.

CONSTÂNCIA – Mas está tudo tão mudado. Hum.

TONINHO – É o progresso.

CONSTÂNCIA – Triste progresso. Pra mim esse mundo está é pelo lado do avesso.

ARIOVALDO – Só a senhora que ainda está do lado certo, não é, dona Constância?

CONSTÂNCIA – E que Deus assim me conserve. *(Para TONINHO.)* Mas como eu ia dizendo, está tudo muito mudado. Você costuma ir lá?

TONINHO – Raramente.

CONSTÂNCIA – Raramente. Pois eu não ponho mais os pés lá. Ninguém tem mais respeito pela gente. Uma coisa que só vendo. Imagina que me trataram como uma qualquer, como uma pessoa do povo.

ARIOVALDO – *(Irônico.)* Imagina, fazerem isso com uma pessoa da nobreza.

CONSTÂNCIA – Não venha com as suas ironias não. Não sou da nobreza, mas eles deviam pelo menos respeitar a memória de meu pai, que foi um benfeitor daquela gentinha.

ARIOVALDO – Que benfeitorias ele deixou, dona Constância?

CONSTÂNCIA – Muitas. Foi ele quem ensinou um pouco de civilização àquela gente, que se hoje ainda não passam de uns brutos, naquele tempo não faziam inveja a uma manada de porcos.

ARIOVALDO – Seu pai era o único homem fino da região.

CONSTÂNCIA – Pode parecer mentira, mas era. Ainda me lembro bem dele sentado na cabeceira da mesa – ora, se me lembro – ensinando aqueles matutos a comer com garfo e faca, a não arrotar na mesa nem cuspir no chão. *(Enfática.)* Se hoje aquela gentinha pode dar graças a Deus porque não arrota mais na mesa, eles devem isso a meu pai.

ARIOVALDO – Que pioneiro! Que educador!

CONSTÂNCIA – E me tratarem daquele jeito. (*Chorosa.*) A ingratidão é o mais cruel dos pecados.

TONINHO – (*Tentando confortá-la.*) Quê isso, dona Constância. Tem muita gente que ainda se lembra e respeita a memória do seu pai.

CONSTÂNCIA – Obrigada, Toninho.

ARIOVALDO – O homem que instituiu a campanha cívica contra o arroto na mesa jamais poderá ser olvidado.

CONSTÂNCIA – Você está vendo, Toninho, como ele debocha de mim? Meu próprio genro.

ARIOVALDO – Há quantos anos foi isso, Dona Constância?

CONSTÂNCIA – Foi o que?

ARIOVALDO – Que seu pai morreu?

CONSTÂNCIA – Trinta anos.

ARIOVALDO – Trinta anos! O povo não tem mesmo memória, não é, dona Constância?

CONSTÂNCIA – Porque tem mentalidade igual a sua. Por isso que não sabem reconhecer quem tem valor, por isso que não têm cultura, não têm *finesse*, não têm nada.

MARLUCE – (*Entrando com um copo de água que dá para CONSTÂNCIA.*) Olha a água.

CONSTÂNCIA – (*Pegando o copo e bebendo.*) Obrigada, minha filha. (*MARLUCE senta-se.*)

TONINHO – (*Fazendo menção de levantar-se.*) Bem, acho que agora eu vou.

CONSTÂNCIA – (*Forçando-o a sentar-se.*) Que nada. Senta aí. Eu quero falar com você. Pois eu estou tão contente em te ver, saber que você frequenta a casa da minha filha, que mantém a amizade por ela. Você não imagina o alívio, o descanso que isso me dá.

TONINHO – Bondade sua, dona Constância. Mas é que eu preciso...

CONSTÂNCIA – Não é bondade não. Eu tenho certeza que sua presença, seus conselhos vão fazer muito bem a minha filha.

ARIOVALDO – Minha mulher não padece de solidão nem está precisando dos conselhos de ninguém, dona Constância.

CONSTÂNCIA – (*Olhando-o com desprezo.*) Está precisando sim.

TONINHO – Que isso, dona Constância. Quem sou eu pra dar conselhos a alguém.

CONSTÂNCIA – Você é um homem de bem, o que é raro hoje em dia. (*ARIOVALDO dá uma risada.*)

VERA – (*Levantando-se, tímida.*) Vocês me desculpem, mas acho que eu já vou indo.

CONSTÂNCIA – Você também. Está todo mundo querendo ir embora. Será que fui eu que cheguei numa hora imprópria?

MARLUCE – (*Irônica.*) Nada, mamãe. A senhora não podia ter chegado numa hora mais apropriada.

CONSTÂNCIA – Será mesmo? Eu estou achando vocês com umas caras tão esquisitas. Fico pensando que é por minha causa. Não é não? (*Para VERA.*) Diz você, minha filha, que ficou tão quietinha aí.

VERA – Não é não, dona Constância. Eu é que tenho que ir embora mesmo. Já está ficando tarde.

TONINHO – Eu vou com você.

CONSTÂNCIA – Esperem pelo menos o cafezinho. (*Para MARLUCE.*) Vai lá, minha filha. Coa logo esse café, senão ninguém vai tomar. Todo mundo tão apressado. Acho que sou eu mesmo que estou atrapalhando.

TONINHO – Que isso, dona Constância.

CONSTÂNCIA – Afinal, que que vocês estavam fazendo que eu vim atrapalhar? (*Todos se olham sem saber o que responder.*)

MARLUCE – (*Saindo.*) Eu vou fazer o café. (*Sai.*)

VERA – A gente não estava fazendo nada não, dona Constância.

CONSTÂNCIA – Não, né. Você conhece a Marluce de onde? Não estou me lembrando de você. Eu conheço todas as amigas da Marluce.

VERA – É que a gente pouco se vê, sabe. Mas nós somos muito amigas.

CONSTÂNCIA – Sei. Você é de onde?

VERA – Sou daqui do Rio mesmo.

CONSTÂNCIA – Hum. É casada?

VERA – Hem? Que que a senhora disse?

CONSTÂNCIA – Perguntei se você...

ARIOVALDO – A moça está sendo acusada de que, dona Constância?

CONSTÂNCIA – Que?

ARIOVALDO – Qual é a acusação? Porque pra fazer um interrogatório desses, só tendo uma acusação muito grave.

CONSTÂNCIA – Pensa que é muito engraçado, não é. Se eu faço isso é porque me interessa pelas pessoas. Não sou antipática como você não. Malcriado!

ARIOVALDO – Deus me livre desse interesse.

CONSTÂNCIA – Não liga pro que ele diz não, minha filha. Isso é um grosseirão. Não sei o que que Marluce viu nesse homem.

ARIOVALDO – Qualidades que a senhora não pode nem suspeitar, dona Constância.

CONSTÂNCIA – Eu imagino.

ARIOVALDO – Não imagina não que é pecado.

CONSTÂNCIA – (*Levantando-se, furiosa.*) Insolente! Eu vou ajudar a Marluce. Vocês fiquem à vontade, viu Toninho, viu minha filha. (*Sai.*)

ARIOVALDO – Velha rabugenta!

VERA – É tão engraçada, não é?

ARIOVALDO – Uma gracinha!

TONINHO – Eu vou aproveitar a deixa pra me picar.

ARIOVALDO – Não faça cerimônia. Por mim você já podia ter ido há muito tempo. Ou melhor, não tinha nem vindo.

TONINHO – (*Sem graça.*) Esse Valdinho é uma bola, não é mesmo? (*Ri.*)

VERA – Eu também vou indo, doutor Ariovaldo.

ARIOVALDO – É. Acho melhor. Essa velha quando encarna é igual carrapato. Você passa o dia inteiro pra arrancar, e quando arranca ele ainda deixa o ferrão na tua carne.

CONSTÂNCIA – (*Entrando com uma bandeja com várias xicrinhas de café.*) Quem que deixa o ferrão?

ARIOVALDO – O carrapato, dona Constância.

CONSTÂNCIA – Carrapato? Ai, que nojo. Quem que está com carrapato?

ARIOVALDO – (*Debochado.*) O Toninho. Tá achando que foi a senhora que trouxe lá de Sapucaia.

CONSTÂNCIA – (*Ofendida.*) Vê lá se eu tenho carrapato.

TONINHO – É brincadeira dele, dona Constância. Valdinho é muito brincalhão.

ARIOVALDO – Valdinho é a ...

CONSTÂNCIA – Eu sei, meu filho. Mas ele não vai conseguir me intrigar com você não. Ele sabe que você é o genro que eu tenho no coração. Por isso que tem ciúmes de você.

ARIOVALDO – Eu não tenho ciúmes de filho da pu...

CONSTÂNCIA – Não se atreva. Não se atreva a dizer palavrão na minha presença.

MARLUCE – (*Entrando com um bule de café.*) Olha o café.

ARIOVALDO – (*Provocando.*) Filho da pu...

CONSTÂNCIA – Não diga! Mal-educado! (*Para MARLUCE.*) Não deixa ele falar, minha filha.

MARLUCE – Falar o que, mamãe?

CONSTÂNCIA – Palavrão. Você sabe que eu não posso ouvir palavrão. Quando eu ouço um palavrão passo o resto do dia com enxaqueca.

ARIOVALDO – Coitadinha!

MARLUCE – Você quer parar, Ariovaldo. Pelo amor de Deus! Vamos tomar esse café duma vez. Senta aí, Toninho. Senta, Vera. (*Todos se sentam. MARLUCE e CONSTÂNCIA servem o café. Silêncio.*)

CONSTÂNCIA – (*Chorosa.*) Eu não agüento mais ser insultada nesta casa. Se você não der um jeito nisso, minha filha, eu juro que nunca mais ponho os pés aqui.

ARIOVALDO – (*Palhaço.*) Oh, não! Não faz isso com a gente, dona Constância!

CONSTÂNCIA – (*Idem.*) Tá vendo? Tá vendo o que ele faz?

MARLUCE – Ariovaldo, pelo amor de Deus!

CONSTÂNCIA – Começou a implicar comigo só porque eu perguntei à moça se ela era casada. Como se fosse um crime a gente se interessar pelas pessoas. Ainda mais esse negócio de casamento. A gente tem de saber direitinho qual é a situação das pessoas, senão acaba fazendo gafe. Hoje em dia, tudo tão misturado. As pessoas casam, descasam, se juntam, sem dar satisfação a ninguém. Quem é que vai saber? (*Noutro tom, animada.*) Falando nisso, minha filha. Imagina quem se casou? Você nem faz idéia.

MARLUCE – Não faço mesmo, mamãe.

CONSTÂNCIA – Lembra daquele sujeito que criava gado? Como é mesmo o nome dele? (*VERA e TONINHO trocam um olhar.*)

MARLUCE – Todo mundo cria gado em Sapucaia, mamãe.

CONSTÂNCIA – Eu sei disso. Tch! Era um sujeito que diziam que tinha ficado rico botando urina no leite. Gente faladeira, Ave Maria. Mas eu, por precaução, não comprava leite da fazenda dele. Sabe lá. (*Estalando os dedos.*) Tenório! Isso, Tenório! (*VERA se levanta.*) Não lembra?

MARLUCE – Não, mamãe.

CONSTÂNCIA – Lembra sim. Até todo mundo dizia que ele gostava de homem. (*VERA está lívida e TONINHO mais incomodado que nunca.*) Ó, gente danada! Mas ele tinha um jeitinho meio esquisito mesmo. Pois casou, minha filha. Pra você ver. É uma moça bonitinha, só vendo. (*VERA volta-se para ela com os olhos arregalados.*) Encontrei os dois ontem de noite. Num lugar esquisito. Hum! E ele ficou nervoso, você precisava ver. Parecia que queria se esconder. Até virou o rosto assim, na hora que me viu. Mas eu tinha que cumprimentar, não é. Fui lá e dei parabéns aos dois.

VERA – (*Em fúria crescente.*) A senhora por acaso está se referindo a Tenório Eusébio do Carmo?

CONSTÂNCIA – Ele mesmo. Conhece?

VERA – E a senhora disse que ele estava com a mulher dele?

CONSTÂNCIA – É. Conhece também? É aqui do Rio. Uma ruiva, com a cara toda sardenta.

TONINHO – (*Levantando-se de um salto.*) Como é que é? Ruiva, sardenta?

CONSTÂNCIA – Isso mesmo. Conhece? Assim de longe ela tem uma pinta meio braba, não é. Se eu não soubesse que ele tinha casado, ia pensar que era alguma piranha. Mas de perto...

TONINHO – (*Vermelho de ódio.*) Chamada Rita?

CONSTÂNCIA – Ela mesmo.

VERA – (*Exasperada.*) Escuta aqui, minha senhora, que história é essa, hem? A senhora está a fim de que, hem?

CONSTÂNCIA – Eu? Nada.

TONINHO – Que fofoca é essa, dona Constância? Olha bem o que que a senhora está inventando.

CONSTÂNCIA – Eu não estou inventando nada. Vê lá se me passo?

VERA – Está inventando sim. Só pode estar. Afinal, que família é essa, hem? Qual é a de vocês, hem?

MARLUCE – Qual é a nossa por quê

CONSTÂNCIA – Minha família é uma família de respeito, minha filha. Vê lá como fala.

VERA – Respeito só se for pras suas negas.

ARIOVALDO – Calma, minha gente.

VERA – Calma é o cacete! Eu fiquei quieta até agora porque não estavam mexendo comigo. Mas já que meteram meu marido nessa história, eu agora vou querer tudo muito bem esclarecido.

TONINHO – Eu também. Mexeram com a minha mulher o caso é outro. *(Para VERA.)* Pelo visto nós estamos sendo vítimas de uma trapaça, Vera.

CONSTÂNCIA – Trapaça! Você está querendo dizer que eu sou trapaceira, que minha família é trapaceira, é?

VERA – Se não for trapaceira é coisa pior.

MARLUCE – Você segura sua língua, sua bunda mole, que senão eu te enfio a mão na cara, hem.

VERA – Experimenta, pra você ver o que te acontece.

CONSTÂNCIA – Mas que gente grosseira, meu Deus.

ARIOVALDO – Calma, minha gente.

VERA – Eu cheguei aqui, esses dois disseram que eram primos. Daí a pouco eu venho a saber que são marido e mulher.

TONINHO – Eu também. Fui convidado pra fazer uma visita de cortesia. Chego e tá esse negócio esquisito, esse chove-não-molha.

VERA – Estavam querendo meter a gente numa bacanal. Essa que é a verdade.

TONINHO – Depois aparece essa velha inventando que viu minha mulher com o marido dela.

CONSTÂNCIA – Toninho! Me admiro muito você. Se tua mulher está te enganando, isso não é motivo pra você querer difamar minha filha, que você sabe muito bem que é uma moça direita.

VERA – Direita! *(Dá uma gargalhada.)* Essa aí? Basta botar o olho pra gente ver que não passa de uma piranha.

MARLUCE – Piranha é você que estava aí dando em cima de meu marido.

VERA – Piranha é você que manda teu marido arranjar mulher pra você.

MARLUCE – *(Partindo pra cima dela.)* Ah, sua sem-vergonha. *(Enfia-lhe a mão e as duas se engalfinham.)*

TONINHO – *(Puxando MARLUCE.)* Larga ela, Marluce.

ARIOVALDO – *(Partindo pra cima dele.)* Tira a mão de cima da minha mulher. *(Os dois se engalfinham também.)*

CONSTÂNCIA – Socorro! Socorro! Ajuda! Polícia! *(Na confusão, CONSTÂNCIA acaba sendo envolvida na briga e o conflito se generaliza. Black-out.)*

VOZES – Piranha! Larga minha filha! Vagabunda! Tira a mão daí, desgraçado! Socorro! Moleque! Veado! É a sua mãe. Ai! Ai! Larga! Etc... *(Aos poucos as vozes se misturam com sirenes até que vem o silêncio.)*

## CENA V

*A sala está em completa desordem. Tudo revirado e fora dos lugares. ARIOVALDO anda de um lado pra outro, nervoso. Está tão amassado e desarrumado como o ambiente. Após alguns momentos, entra MARLUCE pela esquerda. Além da bolsa, traz um jornal amassado nas mãos. Suas roupas estão também amassadas e desarrumadas. Tem o olhar assustado e angustiado. Os dois se olham em silêncio durante alguns momentos. Por fim ela se joga numa poltrona e esconde a cabeça. ARIOVALDO está atônito, não sabe se se aproxima dela ou não, se fala ou fica quieto. Por fim pergunta, muito timidamente.*

ARIOVALDO – E sua mãe?

MARLUCE – *(Após um tempo, sem levantar a cabeça.)* Está bem. O médico deu alta. Já foi pra casa.

ARIOVALDO – Graças a Deus. Cheguei a ficar preocupado com ela. E você ainda demorou tanto. Já estava me sentindo culpado por não ter ido pra lá. Mas como foi você mesma que disse pra eu não ir, que ia ser pior. *(Pausa.)* Bem. Se está tudo em ordem, acho que a gente pode ir dormir, descansar, esquecer duma vez essa confusão toda.

MARLUCE – *(Começando a chorar.)* Esquecer? Nós nunca mais vamos esquecer isso, Ariovaldo. Nossa vida está destruída.

ARIOVALDO – Que destruída, Marluce. Deixa de besteira. Amanhã ninguém mais se lembra disso.

MARLUCE – Não lembra? *(Abre o berreiro.)*

ARIOVALDO – Mas o que que foi, Marluce? Já passou. Não se fala mais nisso, pronto.

MARLUCE – Ah, meu Deus, que desgraça! Eu vou perder meu emprego. Você, agora é que nunca mais arranja cliente mesmo. Nosso calvário está apenas começando, Ariovaldo.

ARIOVALDO – Que calvário, que nada, Marluce. Ninguém vai ficar sabendo disso.

MARLUCE – *(Chorando mais ainda.)* Isso é o que você pensa. Olha só esse jornal. *(Estende o jornal e ele pega.)*

ARIOVALDO – *(Abre na primeira página e lê, em letras garrafais.)* “No troca-troca de casais, viúva bota pra quebrar”. Mas isso é um absurdo! Uma calúnia! Eu vou processar esse jornal.

MARLUCE – Lê o resto pra você ver.

ARIOVALDO – *(Lendo.)* “Ninguém era de ninguém na bacanal”. *(Entre dentes.)* Cachorros! “Querida que a sogra entrasse na orgia. A filha bronqueou. Viúva botou pra quebrar. Vizinho chamou a rádio-patrolha. Na D.P, outro casal diz que foi seduzido pelo médico libertino e sua mulher. Sogra desmaia e baixa hospital. Pág. 10”. Mas é um escárnio! Uma calúnia! Eu mato, eu esfolo o filho da puta que escreveu isso. Eu vou processar o jornal.

Vou exigir uma indenização que vai levar eles à falência! Canalhas! Eu vou enquadrar eles na lei de imprensa, no código penal, na lei do inquilinato. Isso não fica assim não.

MARLUCE – Estamos desmoralizados!

ARIOVALDO – (*Abrindo o jornal.*) Deixa eu ler o resto. (*Lê.*) “No troca-troca de casais, viúva não tinha vez”. (*Entre dentes.*) São uns crápulas. “Todo mundo no distrito. Assim terminou a festinha avançada que o médico Ariovaldo dos Santos, branco, trinta e três anos, e sua mulher Marluce dos Santos, branca, vinte e oito anos, promoviam ontem no seu apartamento, Rua Imbu, número 4, apartamento 301. Do que se pôde depreender dos confusos depoimentos prestados na 80° D.P., Ariovaldo e Marluce atraíram Vera Sugar, branca, casada, vinte e nove anos e Antonio Moura, branco, casado, trinta e dois anos, com o fito de promover uma orgia a quatro. Só não contavam com a chegada inesperada de Dona Constância do Espírito Santo, branca, viúva, quarenta e nove anos, mãe de Marluce. A participação de Constância na bacanal não pôde ser devidamente esclarecida porque ela, acometida de crise histérica, desmaiou quando o delegado, querendo acalmá-la, lhe mostrou um cassetete tamanho família.

Mas segundo a opinião dos policiais, Ariovaldo teria querido que a sogra também participasse da esbórnia. Quem não gostou da idéia foi Marluce, a filha. Inconformada, a viúva resolveu então botar pra quebrar, originando-se assim a violenta pancadaria. Assustada, a vizinhança chamou a rádio-patrolha, que acabou com a algazarra. A 80° registrou a ocorrência”. (*Amassando o jornal e jogando-o no chão.*) Mas é tudo calúnia! Sensacionalismo barato! Meu Deus, que país é este?

MARLUCE – (*Ainda chorando.*) Coitada da mamãe! Que que não vão dizer dela.

ARIOVALDO – Coitados de nós, isso sim! Que que nós vamos fazer, Marluce? Nós estamos desgraçados!

MARLUCE – Eu vou perder meu emprego.

ARIOVALDO – Nunca mais vou arranjar um cliente. (*Senta-se e esconde o rosto entre as mãos.*)

MARLUCE – Nós erramos e agora estamos recebendo o castigo.

ARIOVALDO – Nem nossos amigos vão querer mais saber da gente. (*Toca o telefone. Assustado.*) Quem será?

MARLUCE – Eu tenho medo de atender.

ARIOVALDO – Atende.

MARLUCE – Não. Atende você.

ARIOVALDO – Atende você. É melhor. Qualquer coisa você diz que é a empregada.

MARLUCE – (*Levantando-se e indo atender, trêmula.*) Alô. (*Pausa.*) É sim. (*Pausa.*) Quem deseja falar com ele? (*Pausa.*) Consulta? Um momento. (*Para ARIOVALDO.*) Uma mulher querendo marcar consulta com você.

ARIOVALDO – Consulta? Será possível? Deve ser uma incauta, coitada. Em todo caso, marca.

MARLUCE – *(No telefone.)* Está bem. A que horas a senhora quer? *(Pausa.)* O mais cedo possível? Bem, ele está no consultório a partir do meio-dia. Meio-dia então? Está bem. A senhora sabe o endereço do consultório? Rua dos Ofícios 34, sala 18. Até logo. *(Desliga.)*

ARIOVALDO – Estranho, hem.

MARLUCE – É. Não deve ter lido os jornais ainda. *(Toca o telefone. MARLUCE atende.)* Alô. É. *(Pausa. Olha espantada para ARIOVALDO.)* Consulta? Um momento. *(Para ARIOVALDO.)* Outra.

ARIOVALDO – Que que se pode fazer? Marca.

MARLUCE – Está bem. Meio-dia e meia, está bem? O endereço do consultório é Rua dos Ofícios 34, sala 18. Até logo. *(Desliga.)* Que coisa mais esquisita, meu Deus.

ARIOVALDO – Que será que está acontecendo?

MARLUCE – Sei lá. Em cinco anos você só conseguiu uma cliente. Agora, em cinco minutos, já arranjou duas. Tem alguma coisa aí. *(Toca o telefone.)* Ó. Vai ver é outra.

ARIOVALDO – Deixa que eu atendo. *(Atende.)* Alô. Ele mesmo. *(Pausa.)* O prazer é todo meu, minha senhora. Mas... Claro, estou à sua disposição. A senhora faz o seguinte. Liga pro consultório e marca com a enfermeira. A senhora tem o telefone de lá? Ah, já ligou pra lá. Está sempre ocupado, é? Esquisito. Mas não faz mal. Eu mesmo marco. A uma hora, está bem? Ótimo. O prazer foi todo meu, minha senhora. Até logo. *(Desliga.)*

MARLUCE – Que que está acontecendo, hem Ariovaldo?

ARIOVALDO – E eu sei? Deixa eu ligar pro consultório. *(Disca.)* Disse que está sempre ocupado. Nunca aconteceu isso. Ocupado. *(Desliga e olha espantado para MARLUCE.)* Não estou entendendo. Deixa tentar de novo. *(Pega o fone e disca.)* Será que... Ah, agora está chamando. Alô. Dona Ermengarda? Sou eu, Ariovaldo. Que que está acontecendo? Isso é a senhora que pergunta? Por quê *(Pausa.)* Que? Marcou consulta pra semana inteira? A agenda está cheia? *(Tapa o fone. Para MARLUCE, boquiaberto.)* Está cheio de gente lá. O telefone não pára. Não tem mais um horário livre até semana que vem.

MARLUCE – Nossa senhora!

ARIOVALDO – *(No telefone.)* Que que a senhora faz? Bem, dona Ermengarda. Se continuar assim, aumenta o preço da consulta. Passa pra quinhentos. Isso. Meio dia estou aí. Até logo. *(Desliga.)* Você ouviu isso?

MARLUCE – Ouvi.

ARIOVALDO – Será que isso tudo é verdade, ou eu estou sonhando? *(Toca o telefone. ARIOVALDO atende.)* Alô. Quem? Está. Quem quer falar com ela? Sei. Um momento. *(Para MARLUCE.)* Do colégio. O diretor quer falar com você.

MARLUCE – Ah, meu Deus! Eu sabia. Pronto. Estou na rua. Ele não quer que eu nem apareça mais lá.

ARIOVALDO – Atende.

MARLUCE – (*Atendendo. Tímida.*) Alô. Ela. Sim doutor Queiroz. Como vai o senhor? Acho... Acho que eu já sei porque o senhor está telefonando. (*Pausa.*) Pode falar. Sei. Sei. (*Sua expressão se transforma.*) Hoje? O senhor está dizendo que o senhor e sua esposa estão esperando eu e meu marido pra jantar hoje? (*Consulta ARIOVALDO com o olhar.*) Se nós podemos dar essa honra?

ARIOVALDO – Claro. Não se pode negar um convite desses.

MARLUCE – Bem... É claro que aceitamos, doutor Queiroz. Com todo prazer. Um jantar íntimo, sei. Às oito e trinta. Está bem, doutor Queiroz. Nós estaremos aí. Sim. (*Pausa.*) Se eu gostaria de dirigir o departamento? Bem... Não sei. Pra pensar nisso? Está bem. No jantar nós conversamos. Até logo, doutor Queiroz. Obrigada pelo convite. (*Desliga.*) Você ouviu isso?

ARIOVALDO – Ouvi. E acho que já estou começando a entender. (*Tocam a campainha.*) Deixa que eu abro. (*Abre a porta.*)

VOZ FEMININA – (*Fora.*) Doutor Ariovaldo?

ARIOVALDO – Sim, senhora.

VOZ FEMININA – Eu sou sua vizinha aqui do lado.

ARIOVALDO – Sim.

VOZ FEMININA – Ah, doutor Ariovaldo. Eu estou sentindo umas dores tão esquisitas no corpo. Será que o senhor podia me examinar?

ARIOVALDO – A senhora vai me desculpar, mas eu não costumo atender em casa. A senhora não pode ir hoje à tarde no consultório?

VOZ FEMININA – Eu telefonei pra lá, doutor. Disseram que não tem hora. Que que eu faço? Eu estou tão ansiosa. Não agüento mais essas dores.

ARIOVALDO – Vamos fazer uma coisa. A senhora pode ir lá que eu arranjo uma horinha pra senhora.

VOZ FEMININA – O senhor promete?

ARIOVALDO – Prometo.

VOZ FEMININA – O senhor é tão simpático. Até logo então.

ARIOVALDO – Até logo. (*Fecha a porta.*) Já saquei tudo, Marluce.

MARLUCE – O que é? (*Toca o telefone.*)

ARIOVALDO – Atende.

MARLUCE – (*Atende.*) Alô. Oi, Kátia. Como é que está? Está zangada comigo e com o Ariovaldo? Por quê, meu Deus? (*Pausa.*) Eu sei que nós somos amigas há tanto tempo. Que que tem isso? Eu não te chamei? Chamar pra que? (*Pausa.*) Não estou me fazendo de boba não. Que? Você e o Ricardo vêm aqui hoje à noite? (*Confusa.*) Não. Quer dizer... Hoje não dá. Não, não é invenção não. Vem amanhã, pronto. Está bem? Nove horas. Tá. Tchau. Escuta. Não é nada disso que você está pensando não, hem. (*Para ARIOVALDO.*) Desligou. (*Desliga.*) Ariovaldo, eu sinto que tem alguma coisa acontecendo e ainda não sei bem o que é. Acho que eu estou com medo.

ARIOVALDO – Calma. (*Tocam a campainha.*) Ah, meu saco. (*Abre a porta.*)

VOZ DE BICHA – Doutor Ariovaldo?

ARIOVALDO – (*Sem jeito.*) Sou eu mesmo.

VOZ DE BICHA – Doutor Ariovaldo, eu sou o doutor Junqueira, seu vizinho aqui de cima.

ARIOVALDO – (*Engrossando a voz.*) Ah, então é o senhor. Que que o senhor deseja? Não estamos fazendo barulho nenhum.

VOZ DE BICHA – Não é nada disso, doutor Ariovaldo. Eu quero mesmo me desculpar com o senhor por tudo o que tem acontecido. Mas é que eu tenho uma dor de cabeça que o senhor nem imagina. E ficava reclamando do senhor sem saber que o senhor é um médico tão competente. Por isso eu vim aqui não só pra me desculpar mas pra pedir que o senhor me examine.

ARIOVALDO – Examinar? Eu não atendo em casa, meu amigo. O senhor marque hora com a enfermeira no consultório.

VOZ DE BICHA – Acha que eu não tentei? Não tinha mais nem um minuto. O senhor é tão requisitado.

ARIOVALDO – Então o senhor espera. Até mais ver.

VOZ DE BICHA – Obrigada, doutor.

ARIOVALDO – (*Bate a porta.*) Só faltava essa.

MARLUCE – (*Assustada.*) Ariovaldo, eu sinto que nossa vida vai mudar.

ARIOVALDO – Eu também. E sabe por quê? Porque a propaganda é a alma do negócio. (*Começa a tocar o telefone.*)

MARLUCE – O que que vai ser da gente, Ariovaldo?

ARIOVALDO – Isso eu não sei, Marluce. Isso já é outra história. *(Tocam a campainha da porta.)* Atende lá que eu atendo aqui. *(MARLUCE atende o telefone e ARIOVALDO abre a porta. As vozes se confundem.)*

MARLUCE – Alô. Oi, querida. Há quanto tempo. Você sumiu. Está morrendo de saudades de mim? *(Pausa.)* Vem aqui em casa com teu marido?

ARIOVALDO – Ô, rapaz. Você por aqui?

VOZ MASCULINA – *(Fora.)* Ariovaldo! Como é que está você, cara? Vim pegar minha mulher aqui perto, resolvemos dar uma subidinha pra rever os amigos.

*(ARIOVALDO e MARLUCE voltam-se para a platéia e fazem um trejeito sugestivo. Cai o pano.)*

**FIM**